

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – PPGT PUCPR**

ANDRÉ POLETTI

**ESPAÇO SAGRADO:
ROTEIRO CULTURAL RELIGIOSO**

**CURITIBA
2015**

ANDRÉ POLETTI

**ESPAÇO SAGRADO:
ROTEIRO CULTURAL RELIGIOSO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Rogério
Azevedo Junqueira

**CURITIBA
2015**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

Poletti, André
P765e Espaço sagrado : roteiro cultural religioso / André Poletti ; orientador, Sérgio
2015 Rogério Azevedo Junqueira. -- 2015.
103 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2015
Bibliografia: f. 101-103

1. Espaço sagrado. 2. Turismo – Aspectos religiosos. 3. Multiculturalismo.
4. Teologia. I. Junqueira, Sérgio. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 200



PUCPR

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Escola de Educação e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado e Doutorado

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 086
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
ANDRÉ POLETTI

Aos vinte e três dias, do mês de fevereiro de dois mil e quinze, às quinze horas reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Sérgio Rogério Azevedo Junqueira, Carlos Sampaio e Márcio Luiz Fernandes, para examinar a Dissertação do candidato, André Poletti, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e treze. Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "ESPAÇO SAGRADO: ROTEIRO CULTURAL RELIGIOSO". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 10 h 30 min. Para constar, lavrou-se presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof.Dr. Sérgio Rogério Azevedo Junqueira _____

Presidente/Orientador.

Prof.Dr. Carlos Sampaio _____

Convidado Externo

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes _____

Convidado Interno

CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, por ter me permitido realizar esta pesquisa e também por me mostrar a importância da tolerância e da compreensão entre as diferentes crenças e filosofias religiosas.

Agradeço em especial ao Professor Dr. Sergio Rogerio Azevedo Junqueira que possibilitou todas as condições para a realização deste trabalho.

Aos professores Dr. Carlos Eduardo Cione, Dr. Clodovis Boff, Dra. Eizette Mattos, Dr. Marcio Luis Fernandes e a Dra. Clélia Peretti por suas valiosas contribuições em minha formação.

Aos professores do Curso de Turismo e colegas que incentivaram sobremaneira a realização desta pesquisa.

A minha família, que com toda compreensão auxiliou e permitiu a finalização deste trabalho.

E especialmente a minha mãe (in memoriam) que acompanhou todo o processo do mestrado, foi minha maior incentivadora, e não deixou nenhum minuto que eu desistisse, onde você estiver essa vitória também é sua.

RESUMO

O presente trabalho pretende relacionar duas áreas distintas, que se complementam de diversas maneiras: O turismo e a cultura religiosa. O turismo é uma atividade marcante no século XXI, com um crescimento significativo, e a cultura religiosa e suas filosofias sempre fizeram parte das nossas sociedades. Através deste trabalho pretende-se relacionar os temas em questão, por meio da formulação de um roteiro inter-religioso que contemple o respeito e a compreensão de diferentes culturas religiosas. Neste sentido, optou-se por selecionar representantes da cultura religiosa oriental e da cultura religiosa ocidental, todas devidamente identificadas no território Curitibano, local onde a pesquisa foi aplicada. A metodologia aplicada foi a Fenomenológica, sendo realizada a pesquisa descritiva. O roteiro apresenta cinco locais como representativos dessas diferentes culturas religiosas, sendo esses: A Praça Zumbi dos palmares, com a descrição da cultura negra e indígena. A Praça do Japão, com enfoque na cultura oriental. A Catedral Basílica menor de Curitiba e a mesquita Iman Ali Ibn Abi Talib, como representante da cultura ocidental monoteísta. A Ordem rosa-cruz, como representante das novas filosofias e crenças religiosas.

Palavras-chave: Cultura religiosa, turismo, roteiro turístico, inter-religiosidade.

Abstract

This study aims to relate two distinct areas, which complement each other in several ways: Tourism and the religious culture. Tourism is a remarkable activity in the XXI century, with a significant growth, and religious culture and its philosophies have always been part of our societies. Through this work we intend to relate the issues in question, through the formulation of an inter-religious script that includes respect and understanding of different religious cultures. In this sense, we chose to select representatives of eastern religious culture and the Western religious culture, all properly identified Curitiba territory, where the survey was conducted. The script has five locations as representative of these different religious cultures, these being: The Zombie square of palm, with the description of black culture and indigenous. The square of Japan, with a focus on Eastern culture. The Minor Basilica Cathedral of Curitiba and the Mosque Iman Ali Ibn Abi Talib, as representative of the Western monotheistic culture. The Rosicrucian Order, as a representative of the new philosophies and religious beliefs.

Keywords: Religious culture, tourism, tourist route, interfaith.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – A Classificação de Viajante	38
FIGURA 2 – Mapa cultura religiosa afro-brasileira e indígena	58
FIGURA 3 – Mapa da cultura oriental	65
FIGURA 4 – Mapa da cultura religiosa ocidental	80
FIGURA 5 – Mapa Estilizado de Curitiba.....	93
FIGURA 6 – Mapa do roteiro Espaços sagrados	94
FIGURA 7 – Praça Zumbi dos Palmares.....	96
FIGURA 8 – Praça do Japão	96
FIGURA 9 – Catedral Metropolitana de Curitiba.....	96
FIGURA 10 – Mesquita Imim Abd.....	97
FIGURA 11 – Ordem Rosa Cruz.....	98

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Segmentos do turismo	39
TABELA 2 – Religiões cultura afro e indígena	58
TABELA 3 – Religiões cultura oriental	65
TABELA 4 – Religiões cultura ocidental	78

LISTA DE SIGLAS

CNTUR – Conselho Nacional de Turismo

EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo

Fungetur – Fundo Nacional do Turismo

Hip Hop – Dança típica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

Leisuere // Licere – Lazer

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PNMT – Programa Nacional do Turismo

PRT – Programa de Regionalização do Turismo

Sumário

1 – INTRODUÇÃO	12
2- REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 - A CULTURA RELIGIOSA E O ESPAÇO SAGRADO.....	16
2.2 - LAZER, TURISMO E ROTEIROS TURÍSTICOS	30
2.2.1 – Lazer	30
2.2.2. - Turismo	34
2.2.3 -Roteiro turístico	46
2.3 – ASPECTOS GERAIS E TURÍSTICOS DE CURITIBA.....	48
2.3.1 – Aspectos gerais	48
2.3.2 – Aspectos históricos.....	48
2.3.3. Aspectos Geográficos	50
2.3.4. Aspectos Culturais	51
2.3.5 – Aspectos Políticos	52
2.3.6 – Aspectos socioeconômicos	52
2.3.7 – Atrativos	54
2.3.8 – Equipamentos e instalações.....	54
2.3.9 - Infra-estrutura.....	55
2.3.10 - Superestrutura	56
2.3.11 - Perfil da demanda	56
3– CULTURA RELIGIOSA E OS ESPAÇOS SAGRADOS EM CURITIBA	57
3.1 - CULTURA AFRO E INDÍGENA.....	57
3.2 - CULTURA ORIENTAL	64
3.3 - CULTURA OCIDENTAL/MONOTEÍSTA	75
3.4 - NOVOS GRUPOS RELIGIOSOS.....	85
4 – ROTEIRO “ESPAÇO SAGRADO “	93
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	101

1 – INTRODUÇÃO

Com o passar dos tempos, turismo e religião desenvolveram-se conjuntamente, e muitas vezes a religião foi elemento motivador para o crescimento e o desenvolvimento da atividade turística e em outras vezes o turismo foi fator relevante para o desenvolvimento das crenças religiosas.

Atualmente, as movimentações originadas por religião são marcadas pelos incentivos das instituições religiosas para se deslocar a locais/espacos sagrados; ou seja, dedicar um tempo para si mesmo e praticar sua religião bem como conhecer lugares novos, com culturas, crenças e hábitos diferentes.

Enfim, os motivos diversos que podem provocar esses deslocamentos, entre várias religiões, favorecem um contato mais próximo com o local sagrado, espaço que pode ser enriquecedor em relação ao aprendizado multicultural por apresentarem elementos de uma determinada cultura, estimulando assim, reflexões, questionamentos e aprendizagem por parte do visitante.

A presente proposta pretende utilizar do embasamento da atividade turística, através dos roteiros turísticos, para compreender os espaços sagrados existentes na cidade de Curitiba.

Como problematização, destaca-se :Qual é a importância da criação de um roteiro de turismo religioso por meio de visitas a espaços sagrados, no Ensino Religioso, visando uma aprendizagem mais democrática e voltado a diversidade religioso-cultural brasileira.

De acordo com Gil Filho (2012, p.63):

O espaço é singular na intuição mítico-religiosa, pois ocupa uma posição intermediária entre o espaço concreto material e o abstrato, geométrico de conhecimento puro. O espaço concreto é o sensível [...] e o abstrato tende a homogeneidade.

Isso posto demonstra a importância da relação entre o meio físico e a memória cultural religiosa apresentada no espaço sagrado, para fins da compreensão dos aspectos interpretativos das diferentes filosofias e religiões ora abordadas.

Com base nestes aspectos é possível realizar os seguintes questionamentos :

- A elaboração de um roteiro turístico-religioso possibilitará a interação e

compreensão inter-religiosa ?

- Poderia um roteiro ampliar a visão dos espaços sagrados ?
- A realização de um roteiro poderia contribuir para uma visão mais abrangente dos aspectos religiosos ?

A criação e elaboração de um roteiro turístico-religioso favorecerá ao público novas orientações e integração com o espaço sagrado. A elaboração de um roteiro pode tornar-se uma ferramenta eficaz para facilitar o aprendizado das questões inter-religiosas. Neste mister, poderá, também favorecer o desenvolvimento do relacionamento interpessoal, visto que o participante terá diferentes visões, influenciando nos aspectos cognitivos, emocionais, afetivos, sociais e culturais. Um roteiro turístico pode servir de transformação do sujeito e visar a formação de uma de um cidadão mais consciente dos espaços sagrados.

O objetivo Geral deste trabalho é o de elaborar um roteiro turístico-religioso que contemple espaços sagrados representativos da inter-religiosidade local.

E como objetivos específicos pode-se definir :

- Compreender a simbologia dos espaços sagrados.
- Levantar os aspectos históricos e religiosos das manifestações religiosas locais.
- Mapear os espaços sagrados e suas significações.
- Apresentar os aspectos teóricos de elaboração de um roteiro turístico.

A construção do roteiro tem finalidade pedagógico-didática e o roteiro turístico resume todo um processo de ordenação de elementos intervenientes na efetivação de uma viagem. Pode estabelecer diretrizes para a posterior circulação turística, seguindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional dos atrativos a visitar.

De forma simplificada, um roteiro objetiva a sincronização de 4 aspectos: espaço/tempo e bens/serviços. Ainda, deve-se mencionar o fato de que o roteiro atinja um público alvo, oferecendo um produto passível de consumo e altamente motivador, devendo ser exposto de maneira clara e objetiva. Os elementos intervenientes consistem na adequação do meio de transporte a utilizar, em função de distâncias a percorrer; locais a visitar, tanto em termos de quantidade, ou na qualidade do atrativo, entre outros

Atualmente muito se tem discutido sobre o respeito e a tolerância no campo

do ensino religioso, que deve ser livre de proselitismos buscando a compreensão do fenômeno religioso e suas manifestações nas mais variadas religiões existentes, a compreensão das diferentes religiões e seus aspectos pode ser demonstrada, por meio de visitas aos respectivos espaços sagrados das religiões apresentadas.

O principal elemento motivador na realização de um roteiro de turismo religioso em espaços sagrados é que o aprendizado ocorra de maneira natural, pela percepção do participante permitindo que este obtenha novas sensações mediante a interação com o objeto de estudo através de uma educação não formal, possibilitando não só o aprendizado em si, mas também a construção de um cidadão mais consciente em relação às diferenças culturais e religiosas.

Assim, o roteiro turístico-religioso pode auxiliar na proposta de um ensino mais democrático e plural, favorecendo encontros que estimulem a reflexão dos participantes e promovam o conhecimento do meio sociocultural onde vivem algo significativo em termos pedagógicos, objetivando assim uma experiência que irá aproximar o aprendizado teórico, da vida. Pode se tornar eficaz principalmente no ensino religioso nas escolas brasileiras, uma vez que, devido à diversidade cultural e religiosa do país, fica mais fácil para o professor, apresentar os hábitos, valores, tradições e costumes de diferentes religiões nos espaços sagrados, até mesmo porque este tipo de estudo pode facilmente tornar-se confuso para o aluno e acabar frustrando-o, pois pode não ver sentido no que é ensinado somente em sala de aula.

Este trabalho apresenta como metodologia a pesquisa fenomenológica que terá uma abordagem qualitativa.

Será cumprida através de pesquisas bibliográficas através de um levantamento de informações com uma pesquisa do tipo Estado da arte tendo como fontes livros técnicos e fontes complementares, os artigos e ensaios acadêmicos que tratam do assunto em tema para então realizar uma análise das informações levantadas

De acordo com Dencker (2001, p. 23) “o método científico é um conjunto de regras ou critérios que servem de referencia no processo de busca da explicação ou da elaboração de previsões em relação a questões ou problemas específicos”.

Para que o conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação, ou seja, determinar o método que possibilitou chegar a esse

conhecimento. Neste sentido, para este estudo será utilizada a pesquisa qualitativa bibliográfica do tipo histórico-descritiva.

Já para o procedimento metodológico, optou-se pela pesquisa descritiva, baseada na metodologia Fenomenológica, cuja idéia é familiarizar-se com o fenômeno que está sendo estudado, de modo que a pesquisa subsequente possa ser idealizada com uma maior compreensão e exatidão.

Uma pesquisa pode ser considerada de natureza descritiva, quando envolver levantamento bibliográfico, e descrição dos fatos e acontecimentos, experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Na primeira etapa do trabalho será realizada uma pesquisa histórica e mercadológica para coleta de dados que ajudem a comprovar e desenvolver o objetivo geral do trabalho. As fontes serão pesquisas em museus e arquivos públicos.

Num segundo momento serão catalogadas e analisadas as informações e referidos dados coletados.

A fase final será baseada na proposta de elaboração do roteiro turístico, tendo como referência os dados coletados e pesquisa de demanda realizada.

O referencial teórico será baseado em pesquisas bibliográficas e materiais relacionados aos temas envolvidos, como espaço sagrado, turismo, roteiros turísticos, e as questões que abordam a religiosidade, em seguida será realizada visita aos locais levantamento de dados "in-loco" a fim de conhecer sobre os espaços sagrados que serão aproveitados para o roteiro, para então realizar a apresentação do roteiro propriamente dito.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentados os assuntos que permeiam o tema central do presente trabalho, num primeiro momento será descrito sobre a questão da cultura e sua relação com a religiosidade, em conjunto com a questão do espaço sagrado.

Num segundo momento o tema abordado será a questão do lazer, do turismo e a elaboração de roteiros turísticos, para em seguida abordarmos os aspectos do município de Curitiba e a aplicação da proposta.

2.1 - A CULTURA RELIGIOSA E O ESPAÇO SAGRADO

Inicia-se o presente trabalho identificando que a palavra cultura encontra diferentes acepções. Uma delas diz respeito a conhecimento, saber elaborado, erudição da qual uma pessoa é portadora. Em tempos idos poder-se-ia dizer que uma pessoa culta era uma celebridade, pelo cabedal de conhecimentos que possuía. Este sentido traz ao termo cultura uma limitação muito grande, ao mesmo tempo em que, como aspecto da vida social retira de sujeitos e grupos a possibilidade de serem cultos. Neste significado tais pessoas estariam desprovidas de certo privilégio e conseqüente status social.

2.1.1 - A Cultura religiosa

Cultura, por outro lado, também é compreendida como arte em geral e sua produção (pinturas em tela, gravuras, exposições daí demandadas, a música, os festivais de música, a literatura, por exemplo), bem como as manifestações folclóricas de maneira geral. Essas diferentes acepções trazem para esse termo a dificuldade de lidar com esse assunto. Por isso, torna-se importante aqui que demarcemos o nosso ambiente, ou seja, o posicionamento que adotaremos no decorrer deste trabalho a fim de que possamos tornar nossa proposição de abordagem mais bem circunstanciada.

Entende-se que a cultura encontra sua explicação mais singular nessa perspectiva. Suas particularidades só podem ser vistas, embora possa parecer

redundante, a partir e dentro dela mesma. São os seus próprios sinais que a explicitam. Razão pela qual, para fins deste trabalho será adotada a definição de Geertz (1989), na sua apreensão semiótica para quem o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu (p. 40). Teia essa que, segundo ele, precisa ser analisada. Neste sentido, sua interpretação permite desvendá-la em termos dos componentes desses significados.

Poderíamos dizer com esse autor que o caráter semiótico de compreensão da cultura se traduz em signos, particularidades próprias de cada manifestação cultural.

Dadas às particularidades que os símbolos contêm, Geertz nos estimula a pensar que a cultura é ao mesmo tempo aparente e não aparente. Dai o imperativo de decifrá-la pela interpretação quer em sua forma explícita quer não. E é por isso que interpretá-la é um exercício denso, metucioso e requer o necessário auxílio teórico.

Avançando um pouco mais naquilo que esse autor pode nos auxiliar para entendermos cultura nos valem de mais uma definição desse termo, desta feita mais detalhada por especificar um pouco mais a idéia posta acima de teia de significados sob o olhar semiótico. Assim, a cultura é um processo cumulativo resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do homem (LARAIA, 2007, p.49). No processo de criador humano, a cultura tanto pode ser perpetuada como recriada. Neste sentido Brandão menciona

Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em outra, chamamos cultura (2002, p. 22).

Admite-se com Geertz que a cultura não significa poder, mas que por outro lado tem o poder. O poder de conter, simbolizar e traduzir formas de viver socialmente construídas e valorizadas. A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outras (LARAIA, 2007, p.19). Para esse autor as diferenças são explicadas pela história cultural de cada grupo.

A cultura tem o poder de enraizamento do sujeito em modos de vida, em modos de ser que o sujeita às práticas, comportamentos: a tipos de alimentos, modos de vestir. Gafanhotos e cobras são iguarias alimentares na China. No Brasil

pensar em comê-los causa repulsa. A carne de vaca é proibida aos hindus, da mesma forma que a de porco é interdita aos muçulmanos (LARAIA, 2007, p.15)

A importância do que cada aspecto da cultura tem para o grupo social e sujeitos nele inserido acha-se estritamente vinculado ao significado que a cultura tem para eles, eis o seu sentido mais profundo: a pizza tem um sentido, e por isso, um significado peculiar para os italianos e somente para eles, do mesmo modo que o churrasco para os gaúchos. Ainda que se afirme estar imersos em uma cultura que não a de sua origem, mesmo assim não se faz parte dela, não se nasce nela mesmo que tenha aprendido a língua nela falada. Neste aspecto Geertz (1989) fala da dimensão enigmática da cultura por que esta expressão a dimensão enigmática de homem.

Avançando um pouco mais sobre cultura dir-se-ia que ela representa o próprio significado do existir humano. Ela se confunde com esse existir, na medida em que ela o significa, o marca enquanto como seu criador, mas também como o sentido ou os sentidos do seu existir. Essa dimensão quase que metafísica da cultura, que talvez explicita um pouco a dificuldade e controversa de defini-la não se permite deixar de fora o trecho a seguir de Brandão que, como ser, se projeta na tentativa de decifrá-la:

Mas a cultura como escrita inteligível de sinais, signos, símbolos como bem assinalou anteriormente Geertz, palavras diferentes para um mesmo significado que são modos de tradução e, por essa razão, de expressão que incorporam a singularidade de grupos sociais, comunidades, enfim de sociedades, cujos conteúdos em múltiplas possibilidades que as fazem próprias, por que cada uma delas possui suas particularidades. Assim é possível então haver semelhanças culturais, mas jamais culturas idênticas.

A cultura expressa diferentes linguagens daí a importância de fazer sua leitura desde a perspectiva semiótica. Estas podem estar ou não explícitas. Elas incorporam as diferenças de vestir, de comer, de acreditar, de morar, de rezar e de simbolizar essas diferenças.

Parece consenso no pensamento antropológico brasileiro o fato de que no Brasil há uma cultura diversa não sendo, por essa razão, possível falar de uma única e singular cultura. Não é sem razão. Num sentido clássico quando se refere sobre a diversidade da cultura brasileira, logo se remete à influência indígena que sobreviveu à imposição cultural colonizadora portuguesa; a africana por meio dos

negros escravos e, fechando essa composição, aos imigrantes europeus (alemães, italianos, poloneses e japoneses) que, por sua vez definem “modus vivendi” próprios de grupos que possuem particularidades que podem ser traduzidas em costumes alimentares, práticas e ritos religiosos, músicas, danças, vestimentas, língua, por exemplo. Assim, esse sentido se configura na tradição conceitual antropológica como cultura.. Esta acepção ao mesmo tempo em que engloba a diversidade acima indicada, também é suficientemente abrangente para incorporar elementos não propriamente convencionais quando se trata de opção sexual e gênero, quando questões referentes às antigas minorias são trazidas à baila no seio social e ganham relevo pela importância social que passaram a adquirir na sociedade contemporânea.

Por isso, entender as diversas culturas implica ultrapassar padrões de leitura exclusivos da própria cultura para compreender o ser em relação, estender o campo de visão para outros modos de fazer religião, a exemplo. Bem como a religiosidade. Tais modos configuram também imagens que são múltiplas e seus sentidos variados. Poder-se acercar delas, experimentá-las, contemplá-las, porém jamais penetrá-las para além das aparências. Por isso, as práticas culturais só são inteligíveis e compreensíveis no universo da própria cultura.

Os sistemas de representações simbólicas estão inseridos em processos e contextos sócio-históricos específicos, nos quais eles são produzidos e, acham-se por assim dizer, situados no âmbito daquela multiplicidade.

A diversidade cultural é um tema de especial relevância porque permite-nos também refletir sobre a inclusão de culturas que têm sido historicamente excluídas de direitos e que é, ao mesmo tempo, necessária para a construção de uma escola democrática e, por essa razão, mais inclusiva. Ao mesmo tempo em que se manifesta como um imperativo, é consequência salutar de progressivas mudanças que expressam ambivalentemente conquistas, mas também recuos, razão pela qual se faz necessário ao universo educativo escolar abrir-se para a convivência com as diferentes expressões culturais e estimular movimentos de afirmação da identidade cultural dos diferentes grupos existentes no Brasil.

Nessa perspectiva, os desafios da reflexão contemporânea circundam uma situação irremediavelmente pluralista, onde um tipo de racionalização fechada cedeu espaço à outra de diferente natureza, mais flexível, cuja pretensão é fornecer descrições ou explicações abrangentes e totalizantes do mundo e da vida, fato este

que proporciona a possibilidade de manifestações de muitos processos de hibridização cultural. Estes processos podem ser definidos por meio de várias linguagens que se interpenetram (o “hip hop”), cuja matriz serve de base para composições musicais que contém narrativas de denúncias de violências e de segregação de grupos que encontram nessa forma de comunicação, um meio de serem ouvidos e, ao mesmo tempo, constituírem-se em protagonistas e participarem de modo ativo de manifestações culturais de seu tempo.

A compreensão sobre a diversidade e, conseqüentemente, o respeito a ela pode ser traduzida como o passar de uma visão refratária para outra onde valores são redefinidos de modo a deixar emergir modos de ser e de fazer próprios não dominantes principalmente do ponto de vista econômico, aspecto que não pode ser descurado nas interpretações sobre diversidade.

Uma apreciação sobre cultura e diversidade requer que se remeta à idéia de diversidade estritamente conectada a multiculturalismo, principalmente em sociedades como o Brasil quando é possível falar de muitas culturas que, em si são plurais porque guardam singularidades devida ao componente regional, às etnias e suas contribuições. Neste sentido, práticas e crenças religiosas, artefatos, música, dança, vinculadas por grupos étnicos, ou mesmo *modus vivendi* das tradicionalmente chamadas minorias, se constituem em culturas que, por sua vez, contém particularidades que as tornam plural desde sua interiorização. Por isso essa é uma questão não simples de ser incorporada pela escola, por exemplo, que tem a tradição de lidar com um padrão homogêneo de cultura. Este não pode deixar de ser analisado fora das relações de dominação e de imposição cultural fartamente postos na literatura educacional, bem como sobre sua validade pretensamente universal dentro de nossa sociedade.

Olhar a diversidade significa em sociedades desiguais como a brasileira, mirar os diferentes segmentos de classe social. Isso é fundamental porque é um requisito necessário para os modos de inserção social que são criados por aqueles que desejam participar mais ativamente do mundo múltiplo no qual vivem. A diversidade se encontra em modos de fazer e viver dos grupos sociais. Cada um desses grupos possui em seu interior maneiras de viver e formas de produzir objetos culturais.

A diversidade cultural, além disso, pode ser também caracterizada por diferentes elementos, tais como: a genética e suas variações entre grupos e classes, as línguas, as linguagens e os modos como estão distribuídas nas diferentes regiões

no mundo e dentro dos países e, como já indicado anteriormente a gama de indivíduos, seus comportamentos em um contexto histórico comum.

A dimensão simbólica da religiosidade certamente encontra nas práticas religiosas vinculadas à religião o seu sentido estruturante. Aqui os símbolos dão uma espécie de legitimidade às práticas. Eles estão socialmente reconhecidos, por estarem instituídos. Para Geertz (1989),

O estudo da religiosidade e sua articulação com a cultura se torna importante não só pela tradição dessa relação, mas principalmente pelo fato de podermos retomar o entendimento de que a religiosidade se manifesta independente da religião, embora na tradição de nossa cultura ela esteja a ela vinculada por meio de diferentes ações humanas. A religiosidade, portanto, independe da instituição Igreja vinculada a uma religião em particular. A conexão sobremaneira da religiosidade à religião católica, se deve, como vimos, à tradição católica do Brasil desde a sua colonização. Por outro lado as etnias negras e índia, por exemplo, deixam em nossa cultura marcas de religiosidade. Esta se faz presente de diferentes modos em nossa cultura, ela estabelece uma intrínseca relação com o cotidiano das pessoas. Certamente significa possibilidade de fortalecimento do ser humano ante o difícil desafio de sobreviver.

Os símbolos sagrados atribuem uma legitimidade às práticas religiosas. Essas práticas traduzem a conformação dos indivíduos praticantes ao seu grupo social no estrito sentido do cumprimento disciplinar de uma tarefa. Por que ela se faz segundo comportamentos ordenados e inevitavelmente aceitos pela sociedade. Eles permitem a expressão do dever cumprido. Do exercício da conduta moral impecável. Daí o vestir-se especialmente para o exercício religioso. A roupa de domingo, do sábado à noite é cuidadosamente reservada para a ida à igreja: a missa ou o culto. Por isso para Geertz (1989, p. 67), os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro.

Tudo indica que os símbolos religiosos legitimam a ação do exercício da religiosidade. Em Geertz os símbolos não são meras representações materiais da divindade e/ou o ser superior a ser venerado. Muito mais do que isso, por essa razão entende símbolo pelo significado, ou seja, pela concepção. Neste sentido esse autor não lida com a noção, diga-se, de representação exterior, mas da interioridade, o conceito que faz com que a prática neste caso exista. Sua razão explicativa e não sua representação simplesmente.

Nesse sentido, as práticas de rituais religiosos, potenciais reveladores da religiosidade não são em si símbolos da religiosidade, mas o entendimento que as pessoas têm sobre esse exercício. As manifestações simbólicas podem se realizadas por meio de praticas religiosas institucionalizadas demonstrativas da religiosidade de grupos parceiros. Elas variam de acordo com a religião. No catolicismo a religiosidade pode ser manifestada pela participação do católico nas missas que se constituem em rituais centrais à manifestação da fé católica, provavelmente pelo estado graça que provoque no indivíduo que dela participa. O casamento também é um modo de expressão da religiosidade, mesmo tendo sido muitas vezes ritual de demonstração de opulência por parte das elites e banalizado pelas tantas vezes que indivíduo pode dele participar.

A religiosidade se torna mais visível certamente por parte de grupos sociais de origem sócio-econômica menos favorecida. Por meio das festas dos santos que têm um significado importante na vida cotidiana dessas pessoas. Os santos, representações fundamentais do catolicismo popular, são seres dotados de poderes sobrenaturais e capazes de interferir na vida e na natureza. (JORGE, 1998, p. 66). O lugar que os santos ocupam na vida daqueles que neles acreditam se manifestade modo ambíguo.

É comum encontrar em casas urbanas, com menos, e em rurais com mais freqüência, oratórios ou pequenos altares feitos de madeira num canto reservado da casa. Os oratórios, ainda de caráter particular, doméstico, no entanto se revestem também de caráter coletivo porque a família se reúne ao seu redor. Muitas vezes estão presentes, amigos e convidados para tomar parte da devoção. (JORGE, 1998, p. 68, grifo no original). Sobre esse autor ainda diz o seguinte:

No meio popular, os oratórios domésticos são normalmente colocados num canto da parede, tendo no centro a imagem do santo padroeiro e outros quadros de santos. Já nas sedes das fazendas, lugares, portanto mais afastados. O oratório doméstico é muito mais amplo e normalmente possui um andar onde o padre vem celebrar a Missa de vez em quando. (Idem, p 68-9).

Aos santos se venera como se fosse a Deus. Coroas e fitas enfeitam as imagens, aparentemente como maneiras de melhor exteriorizar a fé. O oratório e o altar são espaços do sagrado, do transcendente por que materializam de certo modo a oportunidade de aproximação do ser menor com Deus. A religiosidade se expressa ao deitar e ao levantar. A festa ao santo padroeiro é oportunidade de

veneração. Tempo e espaço são dedicados á devoção, nestes, o trabalho torna-se secundário. Por ser uma dádiva divina, reserva tempo para a veneração que é garantia de sobrevivência duradoura.

Outros modos de expressão da religiosidade podem ser apreendidos dos grandes rituais católicos, como as festas das padroeiras. Elas arregimentam um grande número de fiéis. O Círio de Nazaré, realizado em homenagem a nossa Senhora de Nazaré, a padroeira dos paraenses é um testemunho interessante da religiosidade e da força que ela contém.

Dentro desse majestoso ritual que se desenvolve sobre a forma de procissão, milhares de pessoas caminham sob forte sol a calor pelas ruas de Belém durante mais de quatro horas, uma vez por ano, a cada segundo domingo do mês de outubro. Na procissão, a corda que circunda a Berlinda onde a imagem da santa é carregada centenas de pessoas se aglomeram praticamente sendo levadas umas pelas outras em agradecimento por graças alcançadas. É a exaustão máxima da expressão de uma reverência por meio da doação do corpo na sua plenitude. Os pés descalços são a simbologia de uma doação e de um sentimento de humildade que só naquele espaço pode ser traduzido. É por isso que comungo com Geertz (1989) da idéia de que o símbolo é mais do que a representação contida no objeto. Ele é a concepção, o significado do símbolo. Significa dizer ser sua razão explicativa. Para ele, os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros; são tão públicos como o casamento e tão observáveis como a agricultura. (p. 68).

No Círio de Nazaré a religiosidade também é manifestada por meio de objetos, outros símbolos, que significam a retribuição objetiva a um favor ou graça alcançada. Traduzem-se em miniaturas de casas, barcos, partes do corpo em cera, enfim tudo na vida cotidiana teve importância e que precisava da ajuda divina para se tornar realidade ou se constituía num problema

A sociedade humana é, assim, concebida como parte do universo e como participe privilegiada da vida divina, devendo-lhe imitar o modo de ser. A Trindade põe a ordem perfeita: há diversidade de pessoas, diversidade que não impede a unidade da Trindade. Pai, Filho e Espírito Santo são igualmente Deus, embora diferentes como pessoas. As pessoas se relacionam entre si, com funções diferentes: as funções não diminuem o estado de divindade, mas operam, uma diferença. A diversidade de funções colabora para unidade da ordem divina. Deus

criando o mundo, o cria segundo sua imagem e semelhança; o cria, pois na ordem, em que há diversidades de funções, de posições, mas unidade do todo. A criatura se vê e se tem como imagem impressa de Deus, tendo nele o modelo de relação, o modelo de ser- com os outros. (PAIVA, 2003, p. 49)

A festa à padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida também é acontecimento para grandes peregrinações em torno da Basílica Nacional. A religiosidade se manifesta também em imagens que são adquiridas a cada ano como simbologia de renovação, concomitantemente a outros objetos que simbolizam e, por assim dizer significam a condição de devoto.

São Sebastião, Senhor do Bom fim, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição. Menino Jesus de Praga são divindades às quais se reverencia de tempo em tempo em renovação da fé ante a necessidade mortal de aproximação de quem tem o destino do ser inacabado nas mãos.

Enquanto permanece dentro do nos socialmente estabelecido, o indivíduo participa de um ser universal que também consigna lugar aos fenômenos do sofrimento e da morte. Quando o indivíduo está em sintonia com os ritmos das forças cósmicas, seu próprio ser está em harmonia com a ordem fundamental de todo ser - uma ordem que, por definição, inclui e, assim, legitima os ciclos do nascimento, da decadência e da regeneração. Conseqüentemente, a decadência e a morte do indivíduo são legítimas mediante sua "colocação no âmbito da ordem mais ampla dos ciclos cósmicos" (BERGER, 1985: 73).

A religiosidade pela fé católica tem sido ideologicamente dominante desde o descobrimento do Brasil, mas outras manifestações religiosas institucionalizadas são palcos para esse modo de ser do Brasileiro. As religiões protestantes por meio dos cultos como espaço simbólico de representação, a religiosidade é demonstrada não pela adesão às exigências ao modo de vestir, como tornar a religião um ethos de vida. Consubstancia-seem modo de vida que ultrapassa o modus operandi cotidiano.

A perspectiva religiosa difere da perspectiva do senso comum (...) por que se move além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas, que as corrigem e completam, e sua preocupação definidora não é a ação sobre essas realidades mais amplas, mas sua aceitação, a fé nelas. Ela difere da perspectiva científica pelo fato de questionar as realidades da vida cotidiana não a partir de um ceticismo institucionalizado que dissolve o "dado" do numa espiral de hipóteses probabilísticas, mas em termos do que é necessário para torná-las verdades mais

amplas, não hipotéticas. Em vez de desligamento, sua palavra de ordem é compromisso, em vez de análise, o encontro.(.....). (GEERTZ, 1989, p. 82)

Nas religiões a religiosidade se confunde com determinação para a prática do ritual religioso, sendo mais difícil, entendo abstrair o estado de religiosidade. A institucionalização pode retirar da religiosidade seu componente de espontaneidade, de liberdade para cultivar. Penso ser nessas condições que a religiosidade brasileira se torna diversa, também. Ela é diversa porque diversa é a cultura. Desse modo ela tem suas idiossincrasias. A religiosidade independe da instituição, podemos desenvolvê-la conforme as escolhas que vamos fazendo ao longo da vida. Essas escolhas tem a ver com as crenças, no sentido lato do termo, com as coisas nas quais vamos acreditando. Ela vai se constituindo de um modo até certo ponto espontâneo porque fora de tutela. Ela pressupõe liberdade de expressão, autonomia.

Nesse sentido a religiosidade pode dar vazão à prática de experiências místicas pela busca de bem estar e do auto-conhecimento. Nos tempos atuais temos presenciado várias dessas formas de manifestação de religiosidade. Os incensos, as velas que ganharam cores e cheiro são usadas para perfumar ambientes com o intuito de atrair bons fluidos.

O misticismo no seu sentido amplo e genérico, e sociologicamente considerado, é uma criação marginal da institucionalização do discurso e do rito religioso. O processo de institucionalização do discurso e do rito religioso. O processo de institucionalização e racionalização expropria indivíduos e grupos que recriam relações com sagrado de modo, direto, recomeçando, assim, o processo originário da religião. É um retorno às fontes. Como quase sempre a espoliação é um ato de poder religioso, que acompanha o poder político, o misticismo tem seu campo predileto nas camadas dominadas. À medida que as camadas dominadas aumentam, o misticismo coletivo tende a acompanhar esse aumento (...) (MENDONÇA, 1984, p.17)

Por outro lado, a prática do esoterismo também é via para manifestação da religiosidade. Ela se confunde com o sobrenatural ao ser meio de possibilidades de prever o futuro. Nesse sentido tem o potencial de antecipar o que, por outras vias levaria mais tempo. O futuro no seu decurso natural do cotidiano e processo de cotidianidade. Essa prática no fundo estimula, cultiva ilusões. A previsão de que no futuro a moça casará, que ganhar-se-á um bom dinheiro, que a vida melhorará, está

a crença em um alento, numa força superior que está a olhar pelo ser que busca, ora numa certa condição de desprotegido, ora de esperançado. Por outro lado, também pode causar desalentos: a descoberta do marido que trai, uma pessoa querida que morra, a perda do trabalho, são alguns dos perigos que podem mostrar a fragilidade de certas práticas místicas.

A oração, assim como a visita a lugares sagrados, independente da crença ou religião são modos populares de manifestação da religiosidade. Ela atravessa os diferentes segmentos sociais. Hoje está sendo reconhecida por parte de cientistas como fator de cura e prevenção de doenças. Como fomento ao exercício da religiosidade possibilita estados de plena meditação e de recolhimento, por isso contribui para a cura. Por meio dela é possível apreender o indivíduo em plena demonstração de sua incompletude, de sua fragilidade, ao invocar a força e poder superior, uma espécie de socorro, de ajuda, principalmente nas intempéries da vida. Mas por meio da oração também se agradece por muitas coisas, inclusive pela vida e as conquistas nela auferidas. Se ora pelo sono, mas também no despertar e pelo despertar.

A religiosidade é certamente a expressão maior de sentimento inconsciente de incompletude humana. Ela de algum modo se manifesta, para aqueles que crêem em uma força superior seja ele Deus ou um ser não claramente entendido. Ela pode estar ou não, como se disse, vinculada ou não à religião.

Outros modos de manifestação da religiosidade são encontrados no catolicismo popular por meio de diferentes meios, quais sejam: promessas, novenas, alianças, e consagrações, como nos esclarece Mendonça (1998).

Nas promessas os fiéis estabelecem uma relação de proximidade com Deus por meio dos Santos. Se já o santo de devoção ou aquele que eles entendam seja o mais adequado ao tipo de pedido a ser feito. Nesse sentido, o santo está próximo ao trono de Deus e pode influenciá-lo. O rigor no cumprimento das promessas permite a inferência de que o fiel vai à exaustão pelo merecimento da graça alcançada.

As novenas em grande medida estão vinculadas às promessas e também traduzem o caráter de devoção e pedido de ajuda ou de agradecimento por uma graça alcançada. As novenas segundo aquele autor são práticas do catolicismo popular que têm finalidade de pedidos materiais e espirituais. Podem ser feitas para pedir chuva, boa colheita, como práticas comumente encontradas no Nordeste do Brasil. Similar a este tipo de prática religiosa, é a indígena, quando a tribo canta e

dana pedindo ao Deus da chuva que faça chover.

As alianças, embora pouco conhecidas sob essa denominação são muito praticadas. Elas se dão pela devoção do fiel a um santo. O santo protetor. Do tipo, “meu protetor Padre Cícero”. Difere da promessa, segundo Mendonça (1998), pois enquanto esta é ligada a uma necessidade determinada por parte do fiel, a aliança é permanente (p. 68).

As consagrações por sua vez são feitas aos santos, mas Mendonça (1998), considera que no Brasil são de modo geral feitas à Nossa senhora. Quando a criança é consagrada a Nossa Senhora, significa que além da mãe terrena ela tem uma no céu (Cfr. obra citada, p. 68).

Existem outras tantas formas de manifestação de religiosidade presentes na cultura brasileira. Elas se vinculam sobremaneira ao catolicismo pela forma dominante como foi implantado no Brasil desde a colonização. As festas dos santos são outros modos onde o sagrado estabelece conexão estreita com o religioso. A eles são dedicados dias específicos e têm lugar especial no só no calendário comum como no católico. A homenagem ao santo não se faz exclusivamente no dia a ele dedicado. Às vezes sua festa inicia dez dias antes e culmina no dia dedicado a ele.

A festa de São Sebastião, por exemplo, segue esse modelo. Realizada no interior da região norte do Brasil, na cidade de Cachoeira do Ararí, tem início com a chegada do mastro à cidade que simboliza o mesmo ao qual o santo foi amarrado quando prisioneiro, flechado e morto. O mastro é fixado na frente da igreja matriz, sendo um carregado por homens e outro por mulheres. Vale dizer que essa tradição remonta há muitos anos. Até mais ou menos meados dos anos noventa do século XIX, o mastro era conduzido apenas por homens. A abertura da festa se dá com fogos de artifícios ao raiar do dia e alvorada com músicas em louvor ao santo. Durante os dez dias são celebradas novenas e missas na igreja matriz da cidade. Culmina no dia 20 de janeiro de cada ano, com muitas celebrações religiosas e profanas: missas, batizados, corrida de cavalos, premiações, bingo, leilões e a derrubada dos mastros. Nos seis meses que antecedem á festa a imagem do santo faz uma espécie de peregrinação por várias fazendas. A cada dia pernoita em uma delas. Essa prática visa arrecadar dinheiro para a festa. Interessante notar que é feita simbolicamente pelo próprio santo. A chegada do santo nas casas é feita de ladainha, rezada em latim e acompanha de música tocada pelos foliões que

possuem instrumentos como viola, triângulo e tambor. Aliás, este anuncia ao longe a chegada do santo. Como parte das honras da casa à noite serve o jantar antecedido pela folia em volta da mesa, da qual as facas devem ser retiradas.

A religiosidade presente na sociedade brasileira sem dúvida também é manifestada por meio do candomblé. Entendida por Ferreira (1986) como a religião dos negros iorubas da Bahia, ou qualquer uma das grandes festas dos orixás. As praticas do candomblé são realizadas em terreiros que geralmente possuem um amplo salão com um altar ao fundo onde podem ser encontrados tanto imagens de santos, como de orixás. Estas de modo geral são entremeadas por velas e cuias ou cântaros com oferendas aos orixás. Nos quintais dos terreiros também se espalham oferendas entre árvores e arbustos. Os rituais são compostos por mulheres e homens vestidos de branco. Homens tocam tambores e junto às mulheres em rodas cantam evocando suas entidades protetoras. A religiosidade como prática é uma manifestação simbólica da interioridade que se projeta na materialidade.

2.1.2 - Espaço Sagrado

Percebe-se na sociedade pós-moderna que o pluralismo religioso vem se consolidando, com a característica da compreensão dos vários fenômenos religiosos, quebrando paradigmas e fragmentando conhecimentos acerca da religiosidade. No plano do discurso religioso é possível perceber que o meta-discurso que procura legitimar o papel da religião não tem sido aceito como em outros momentos da “incitação” religiosa, e hoje já começa a ser visto com desconfiança colocando nossas certezas em cheque.

O que se percebe atualmente é que as manifestações religiosas se perpetuam através do acesso a informação, da mídia e do poder de operacionalizar a sua atuação, a percepção atual demonstra que o excesso de informação acaba mais por confundir do que esclarecer, e através disso vê-se que é um fenômeno complexo, multifacetado e de difícil definição.

Segundo Cassier, cada vez mais o homem afasta-se do universo dos fatos e aproxima-se do universo simbólico e assim passa a reconhecer o mundo pelos seus significados, ainda segundo o mesmo autor, tempo e espaço não são homogêneos, não há uma uniformidade, e depende dos contextos culturais e históricos e pelo

modo como as religiões se desenvolveram. Desse modo o tempo não é apenas a seqüência dos acontecimentos, deve-se levar em consideração a singularidade de cada período.

A vida transcorre sempre em algum tipo de espaço, seja, geográfico, cultural, empresarial, o espaço, denominado sagrado, localiza-se dentro dessa dinâmica, dos diferentes tipos de espaço.

Segundo Santos (2004, p. 55) , o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos, e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas com o quadro único no qual a história se dá. Há então uma relação das ações com a base material, do real com a percepção do local, seja este sagrado ou não. Todavia podemos definir o espaço como relacional e dinâmico, capaz de estabelecer conexões, ou seja, a inter-relação entre objetos e ações, materialidade e evento, o espaço se materializa e se transforma.

Eliade define o sagrado como o oposto ao que é o profano e tal visão depende das diferentes posições que o homem conquistou, desta maneira há dois desdobramentos, um que diz que existe a transcendência da realidade e vivencia humana e outro que desconsidera a possibilidade de transcendência, evidente que isso fica claramente influenciado pelo processo social que cada ser humano abriga no seu desenvolvimento.

O mesmo autor, ainda apresenta que o espaço que o ser humano vive não é homogêneo, e que para um ser - humano mais religioso existe um espaço mais significativo, qualitativamente diferente de outros, em suma é o espaço sagrado e o espaço não sagrado.

Já segundo Croatto, “ o espaço sagrado é um espaço “recortado” dentro do grande espaço cósmico, ele se torna um microcosmo, representativo do mundo onde a existência acontece. O templo ou local sagrado se torna simbolicamente o centro e a valorização do mundo . Assim, o ser - humano, neste espaço sagrado expressa de modo mais completo sua atitude religiosa , através dos rituais e manifestações.

Já para Otto, apesar de não lidar especialmente com a questão do espaço sagrado existe uma importante compreensão em relação ao sagrado, segundo ele a racionalidade não é capaz de esgotar a idéia de divindade, ou seja, o sagrado deve se manifestar com mais “inquietação” em espaços que são considerados sagrados.

Desta forma, para o ser - humano religioso ou não, existem alguns espaços ou objetivos que ao longo de sua existência são dotados de uma significação diferenciada e especial, Isso pode significar sacralização ou não, e pode até estar bem próximo ou distante do que Otto considera como sagrado, entretanto, tais espaços são passíveis de transformação e a mudança no sentido da significação.

2.2 - LAZER, TURISMO E ROTEIROS TURÍSTICOS

O presente capítulo abordará os aspectos teóricos relacionados ao lazer, ao turismo e aos roteiros turísticos, bem como a evolução histórica da atividade.

2.2.1 – Lazer

Este capítulo pretende demonstrar alguns aspectos inerentes e a relação existente entre o lazer e o turismo, bem como a criação de roteiros turísticos.

Na era primitiva não havia distinção entre a vida, o trabalho e o lazer, pois, “trabalhar era ao mesmo tempo existir, como existir era ao mesmo tempo recrear” (Requixa, 1977, p.9).

Ainda conforme Requixa (1977) foi nas civilizações gregas e romanas que o lazer passou a ser mais visível. O tempo livre era uma preocupação para a elite do povo grego, visto que essa sociedade ser suprida pelo trabalho escravo. Então para o povo grego, o tempo livre permitia o exercício pleno da atividade espiritual, cultural dedicando o tempo livre para recuperação do corpo e espírito.

Na Idade Média o conceito de descanso e lazer mudou principalmente em função da influência da religião protestante com a supervalorização do trabalho em detrimento ao lazer.

Para Melo e Alves Júnior (2003, p.6), o lazer nasceu no final do século XVIII “época do surgimento da Revolução Industrial, (...) com o advento da implantação do modelo de produção fabril e da organização do trabalho em fábricas”. Nesse contexto, a vida passou a ser controlada pela jornada de trabalho, resultando numa rotina rígida. Ou seja, o tempo de distinto do trabalho, passou a ser o tempo de lazer.

Assim as modificações nas atividades de lazer iniciaram na sociedade industrial e suas características atuais são efetivadas na sociedade contemporânea.

Esse desenvolvimento histórico culminou, neste contexto histórico onde ocorre a separação do tempo destinado ao trabalho e do tempo de não trabalho, conduzindo a uma ampla concepção do que vem a ser lazer. Como se percebe o Lazer possuiu várias significações através do tempo e dos povos. Conforme Melo e Alves Júnior (2003):

(...) a contínua busca de formas de diversão não significa ter sempre existido o que hoje chamamos de lazer, na medida em que tais formas de diversão guardam especificidades condizentes com cada época (...) Por certo existem similaridades com o que foi vivido em momentos anteriores, mas o que hoje entendemos como lazer guarda peculiaridades que somente podem se compreendidas em sua existência concreta atual.
(MELO e ALVES, 2003, p.1).

Por esse motivo há tantos conceitos, pois cada pesquisa científica compreende a realidade de uma época e de uma sociedade em determinado processo temporal.

Dentro da semântica o termo Lazer se origina do verbo francês "*loisir*", que tem origem na forma infinitiva latina de "*licere*", que significa o permitido. O francês "*loisir*" dá origem à expressão inglesa "*leisure*", que se utiliza tecnicamente para significar tempo livre. (Dumazedier, 1979).

Melo e Alves Júnior. (2003, p.1), também contribuem para a concepção semântica: "a palavra lazer não fazia parte do discurso corrente, embora outras fossem usadas para expressar alguns de seus sentidos, como diversão, jogo, prazer".

Ainda sobre a ótica etimológica, Jimenez Guzman (1986) considera três tendências:

1. Caracterização do lazer como permissão para atuar - o lazer seria um conjunto de atividades com ausência de restrições, de censuras, de proibições;
2. Ausência de impedimentos de ordem temporal - o lazer seria o tempo livre, sem restrições, sem ataduras, sem compromissos;
 - Qualidade de ordem subjetiva - o lazer seria constituído por uma série atividades livremente escolhidas, atividades autônomas e agradáveis, benéficas física e psicologicamente.

Assim percebe-se através da própria origem etimológica, que o termo lazer vem exposto em diversos sentidos. Sentidos estes que ao longo da história emanam determinada representação.

Porém qual o conceito de lazer? Com raízes etimológicas tão extensas, também é ampla a pesquisa literária a respeito. Para tanto se apresenta algumas conceituações mais utilizadas pelo senso comum acadêmico.

Camargo (1998) define o lazer como qualquer atividade que não seja profissional ou domiciliar:

Um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses centrais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre, roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.
(CAMARGO, 1998, p 29)

Para alguns autores o conceito de lazer é paralelamente próximo ao conceito de tempo livre, como citam Mello e Alves Junior (2003, p.31) lazer é: "(...) tempo livre das obrigações, sejam elas profissionais, religiosas, domésticas ou decorrentes das necessidades fisiológicas".

Marcelino (2000, p. 33) amplia essa concepção estendendo a concepção de lazer a satisfação provocada pela prática desse tempo livre: "Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela atividade prática ou contemplativa". Ressalta o autor:

(...) o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (MARCELINO, 2000 p.25)

Atualmente, de maneira geral o lazer é associado às atividades de aproveitamento do tempo livre, e o desenvolvimento pessoal e grupal, ou seja, o tempo que resta após a realização de todas as atividades obrigatórias.

CARACTERÍSTICAS DO LAZER

Dumazedier (1999) estabeleceu um sistema de caracteres exposto a que seria a base constitutiva do lazer; ou seja, em sua ausência, ele não existiria.

- Caráter liberatório: o lazer resulta de uma livre escolha;
- Caráter desinteressado: o lazer não este fundamentalmente submetido a fim

lucrativo algum, como o trabalho profissional, a fim utilitário algum, como as obrigações domésticas, a fim ideológico ou proselitístico algum, como os deveres políticos ou espirituais;

- Caráter hedonístico: o lazer é marcado pela busca de um *estado de satisfação*, tomado com um fim em si;
- Caráter pessoal: o lazer está diretamente ligado a possível deteriorização do indivíduo ou à livre defesa de integridade contra as agressões de uma sociedade industrial e urbana cada vez menos natural, cada vez mais cronometrada e organizada

(DUMAZEDIER, 1999, p. 91).

Marcelino (1996, p. 13) considera que grande parte da sociedade ainda associa o lazer às atividades recreativas ou a eventos de massa, talvez pelo fato de que a palavra tenha sido utilizada nas promoções de instituições com atuação dirigida ao público, assim o homem não seria passivo, mas empenhado em realizar em algo lhe dá prazer pessoal.

Cabe salientar que apesar da proximidade de relação entre lazer, tempo livre, recreação e turismo, estes possuem concepção distintas apesar de estarem ligados.

ATIVIDADES DE LAZER

Inicialmente, para Dumazedier (1979), as atividades de lazer são classificadas por em:

- a. Lazer físicos - aqueles que implicam esforço e exercício de tipo corporal;
- b. Lazer práticos - são os que exigem uma habilidade manual e especial;
- c. Lazer intelectuais - que têm que ver com o cultivo do intelecto e da cultura;
- d. Lazer artísticos - que têm a ver com a prática específica de uma arte;
- e. Lazer sociais - são os relacionados com aquelas atividades de diversão, descanso e desenvolvimento, praticadas de uma forma coletiva.

Muitos estudos na literatura atual apontam as definições das atividades de lazer como composições interligadas ao processo de conhecimento, sensibilidade e captação da experiência vivida.

Nesse prisma, as atividades de lazer atendem sobre diversos aspectos as necessidades individuais, satisfazendo vários interesses. A escolha, por

determinada atividade, em termos de conteúdo, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece.

Salienta-se por meio da prática das atividades de lazer, a importância das pessoas ocuparem bem seu tempo livre com atividades saudáveis, construtivas que favoreçam o aumento da sua qualidade de vida.

2.2.2. - Turismo

A atividade turística é considerada recente por alguns estudiosos, mas também é vista como atividade importante o bastante para que a sua pesquisa seja desenvolvida. Isso se dá porque o impacto que produz sobre as economias, os ambientes e a sociedade é bastante significativo.

Segundo Cooper (2007, p33), “a popularidade do turismo como temática específica e o reconhecimento de sua importância por parte de governos têm acelerado o seu estudo.” O que torna necessário que se discorra sobre ele nesta pesquisa, uma vez que se torna um dos pilares da problemática apresentada.

Conceituação

Com o desenvolvimento do turismo nasceu uma preocupação em se estudar e conceituar o que ele significava. Uma das primeiras conceituações que se tem referência veio da escola de Berlim em 1929, que tinha Robert Glucksman e WilliBenscheidt como seus representantes. Para estes estudiosos o turismo poderia ser definido como: “uma ocupação de espaço por pessoas que afluem à determinada localidade, onde não possuem residência fixa” (ANDRADE, 1998, p.34).

A idéia de se criar uma conceituação para a atividade não foi uma das tarefas mais fáceis de se cumprir, pois até mesmo a escola de Berlim teve várias versões para o conceito de turismo.

Com a evolução da atividade novas formas de entender o turismo surgiram. A Organização Mundial do Turismo (OMT) define a atividade turística como: “o deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias motivados por razões não econômicas” (IGNARRA, 1998, p.23).

A compreensão de se conceituar turismo pode depender muito dos olhares daqueles que o praticam e daqueles que atuam nele.

Nos olhares de Schwink citado por Andrade o “turismo é o movimento de pessoas que abandonam, temporariamente, o local de sua residência permanente, levadas por algum motivo relacionado com o espírito, o corpo ou a profissão” (1998, p. 35).

O deslocamento de pessoas saindo de suas residências tratado por Schwink diz respeito à aqueles indivíduos que procuram um atrativo que possa satisfazer suas vontades ou desejos. Essas vontades ou desejos podem ser conhecidos como motivações que normalmente decorrerem da profissão, de questões que envolvam o estado físico ou emocional dos indivíduos ou ainda simplesmente por lazer e descanso (DIAS, 2005, p.21-22).

Ainda para McIntosh citado por Ignarra o “turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e cortesmente satisfazer necessidades e desejos (1998, p 24).

McIntosh vê que o turismo não é simplesmente uma questão de procura de realização de um desejo de uma pessoa e sim a soma da potencialidade de atração do destino com a identificação das necessidades do viajante, procurando satisfazê-las.

Já Oscar de La Torre citado por Ignarra, desenvolve uma análise diferente sobre a conceituação da atividade turística, para ele:

o turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporários de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada gerando múltiplas inter relações de importância social, econômica e cultural (1998, p.24).

Em sua definição De La Torre compreende que o turismo é uma questão de deslocamento voluntário, não ocorrendo dessa forma o desempenho de atividades ligadas ao trabalho do indivíduo. Se for comparada esta conceituação acima com a definição de Schwink , pode-se perceber que quanto ao tipo de motivação apresentada a atividade profissional pode ou não ser considerada.

Outro elemento que alguns estudiosos lembram de levar em consideração quando conceituam turismo é o impacto que a atividade pode causar. Com a preocupação sobre este elemento JafarJafari apud Ignarra apresenta que:

turismo é o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físicos, econômicos e sócio – cultural da área receptora (1998, p 24).

Contudo como se havia dito anteriormente o ato de se conceituar turismo é uma prática muito difícil, pois no setor de turismo existe uma infinidade de ações das quais pode - se retirar algumas considerações.

Se observar a etimologia da palavra turismo percebe-se que ela é proveniente do latim, assim como diversas outras palavras, portanto turismo vem de tornus, que significa ação de movimento de sair e retornar, que também pode significar girar (DIAS; AGUIAR, 2002).

Sendo turismo compreendido como girar, ir e voltar pode-se entender que seja o ato de se dirigir para um local e retornar para o ponto de origem, tornando similares as definições citadas por Glucksmann e WilliBenscheidt, Schwink, McIntosh, Oscar de La Torre, JafarJafari e pela Organização Mundial do Turismo.

Com a definição de turismo chega-se à nomenclatura da pessoa que pratica essa atividade, o turista.

Sendo assim turista designa a pessoa que viaja para recrear-se (ANDRADE, 1998).

Já para a Organização das Nações Unidas (ONU) citado por Ignarra turista é:

toda pessoa, sem distinção de raça, sexo, língua e religião, que ingresse no território de uma localidade diversa daquela em que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem propósito de imigração (2001, p.25).

Levando em consideração as definições dos autores Andrade e Ignara pode-se definir que turista então é toda ou qualquer pessoa que viaja para outra localidade diferente da sua de origem por qualquer motivo que seja, desde que esse indivíduo não constitua uma residência fixa.

De acordo com Cohen citado por Ignara (2001, p.26), o turista pode ser classificado em diversos tipos:

Existenciais – são aqueles que buscam a paz espiritual, através da quebra de sua rotina cotidiana;
 Experimentais – são aqueles que querem conhecer e experimentar modos de vida diferente;
 Diversionários – aqueles que buscam a recreação e o lazer organizados, preferencialmente em grandes grupos;
 Recreacionais - aqueles que buscam entretenimento e relaxamento para recuperação de suas forças psíquicas e mentais.

•

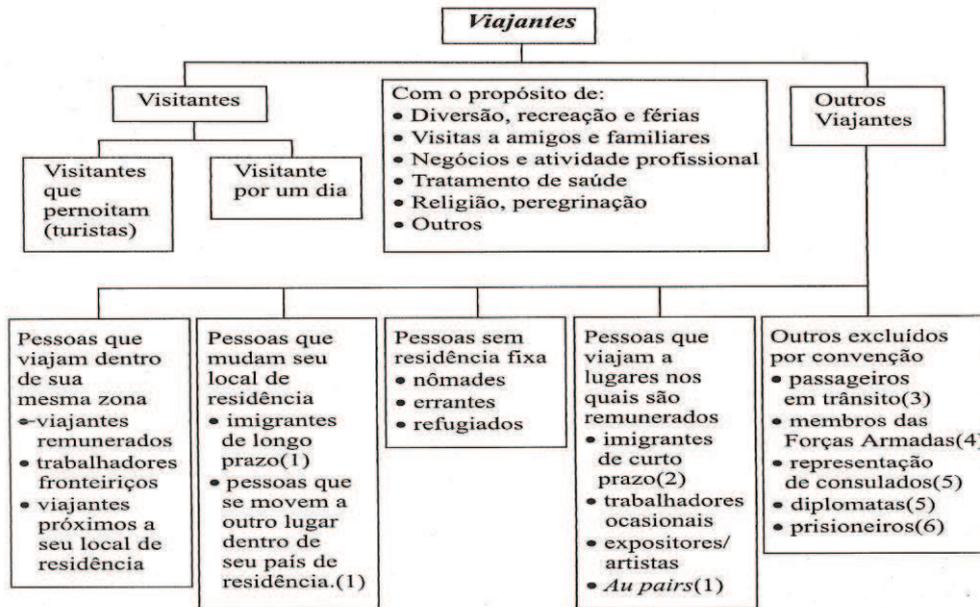
Já para MacIntosh também citado por Ignarra (1998, p.27), o turista pode ser classificado de outra forma:

Alocêntricos: aqueles que têm motivos educacionais e culturais, políticas ou de divertimentos caros como jogos de azar e que viajam individualmente;
 Quase alocêntricos: aqueles que são motivados por eventos esportivos, religiosos, profissionais e culturais;
 Mediocêntricos: aqueles que motivados pela busca do descanso, quebra da rotina, aventuras sexuais e gastronômicas e tratamento de saúde;
 Quase psicocêntricos: aqueles que viajam motivados pela busca de status social;
 Psicocêntricos: aqueles motivados por campanha publicitária.

O que se entende das colocações apresentadas é que turista é todo aquele indivíduo que viaja com alguma finalidade, normalmente baseada em uma motivação que como já foi dito pode ser lazer, saúde, recreação entre outros.

Com a conceituação de turismo explicada e o entendimento do que é turista pode-se então mencionar as definições feitas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização Mundial do Turismo (OMT), que relata a existência de vários tipos de viajantes, como os que pernoitam ou não, aqueles que viajam sozinhos ou acompanhados entre outros.

FIGURA 1 – A Classificação de Viajante



1. Com o propósito de permanecer no lugar ou país que visita mais de 12 meses.
2. Com o propósito de permanecer no lugar ou país que visita menos de 12 meses.
3. Não são visitantes do ponto de vista do país no qual ingressam se não o fazem legalmente.
4. Quando viajam desde o lugar ou país de origem ao seu destino militar dentro ou fora do mesmo país e *vice-versa* quando participam de manobras (incluídos empregados domésticos e dependentes que os acompanham ou se unem a eles).
5. Quando viajam desde seu país de origem a seu lugar de trabalho e *vice-versa* (incluídos seus empregados domésticos e dependentes que lhes acompanham ou se unem a eles).
6. Incluídas as pessoas que os escoltam.

FONTE: Organização Mundial de Turismo *apud* DIAS; AGUIAR, 2002, p. 27

Na figura acima elaborada pela OMT e descrita por Dias e Aguiar consegue-se seguir ao certo um plano de como que se caracteriza um viajante.

Inicia - se dividindo o viajante em segmentos, os viajantes que pernoitam ou não e os outros tipos que são assim classificados pelo critério de exclusão.

Os que pernoitam são aqueles que vão com o propósito de ficar alguns dias em uma certa região. Já alguns vão para tratamento de doenças, a trabalho, somente para conhecer outros lugares, motivos religiosos ou simplesmente aqueles que querem fugir de seu cotidiano.

E a última segmentação que é descrito pela OMT seria dos viajantes de uma mesma região que são os imigrantes, nômades, viajantes que são remunerados e os chamados excluídos, que seriam os diplomatas, os prisioneiros entre outros (DIAS; AGUIAR, 2002).

Tipologizado turismo

O mercado de Turismo é um mercado de grande expansão e com diversos segmentos nos quais qualquer pessoa pode - se inserir ou mesmo sem querer já estar inserida, nesta última colocação estão os turistas potenciais.

A segmentação de mercado turístico assume diversas propriedades, pois é ampla e com várias vertentes. No quadro a seguir se apresenta alguns segmentos criados a partir de critérios de segmentação como propõe Ignarra *apud* Dias; Aguiar (2002).

TABELA1 – Segmentos do Turismo

Segmentos do Mercado Turístico	
Critérios de segmentação	Segmentos
Idade	Turismo infantil
	Turismo Juvenil
	Turismo de meia idade
	Turismo de terceira idade
	Turismo familiar
Nível de renda	Turismo social
	Turismo de maioria
	Turismo de minoria
Meios de Transporte	Turismo aéreo
	Rodoviária
	Ferroviário
	Marítimo
	Fluvial/lacustre
Duração e permanência	Turismo de curta duração
	Turismo de média duração
	Turismo de longa duração
Distancia do mercado	Turismo local
	Turismo regional consumidor
	Turismo nacional
	Turismo continental
	Turismo intercontinental
Tipo de grupo	Turismo individual
	Turismo de casais
	Turismo de famílias
	Turismo de grupos
	Turismo de grupos especiais (singles, GLS, terceira idade, naturalistas, Portadores de deficiências etc.)
	Turismo de grupos especiais (singles, GLS, terceira idade, naturalistas, Portadores de deficiências etc.)
Sentido do fluxo turístico	Turismo emissivo
	Turismo receptivo
	Turismo de praia

Condição geográfica da destinação turística	Turismo de Montanha Turismo de campo Turismo de neve
Aspecto cultural	Turismo étnico Turismo religioso Turismo histórico Turismo antropológico Turismo arqueológico Turismo artístico Turismo de acontecimentos programados
Grau de urbanização da destinação turística	Turismo de grandes metrópoles Turismo de médias cidades Turismo de pequenas cidades Turismo rural Turismo de áreas naturais
Motivação das viagens	Turismo de negócio Turismo de eventos Turismo de entretenimento Turismo de saúde Turismo educacional Turismo de aventuras Turismo esportivo Turismo de pesca Turismo de descanso Turismo de natureza Turismo cultural

FONTE: DIAS; AGUIAR, 2002 p.35,36 e 37

O que se pode perceber é que o conhecimento de diferentes grupos possibilita a criação de novos produtos e serviços que satisfaçam o público identificado, uma vez que anseios e expectativas desses indivíduos foram estudadas para a formatação dos segmentos.

HISTÓRICO DO TURISMO

De acordo com Ignarra (1999, p. 15): o turismo surgiu a partir do momento em que o homem passou a viajar devida sua necessidade de comércio com outros povos, assim, afirma-se que o turismo de negócios antecedeu o turismo de lazer. Mais tarde sendo ramificado para tipos de turismos específicos, como de religião, lazer, aventura, entre outros.

Ainda de acordo com Ignarra (1999, p. 16-17):

No governo de Alexandre, o Grande, na Ásia Menor, eram registrados grandes eventos que atraíam visitantes de todas as partes do mundo. Na região de Éfeso, onde hoje situa-se a Turquia, eram registrados mais de 700.000 visitantes para apreciarem apresentações de mágicos.

Percebe-se que desde a idade antiga, a população começa a despertar o interesse de conhecer novos locais, devido aos seus potenciais turísticos, e como consequência, os locais começam a ser planejados para atender essa demanda. Como por exemplo, o caso dos Romanos, que mais viajavam em busca do lazer, a visitação era freqüente a outras regiões, pois tinham o hábito de possuir segundas moradias que usavam em algumas épocas do ano. O Egito e a Grécia eram os países mais visitados, e como cita Dias (2005, p. 33): só não se tornou turismo de massa devido à precariedade dos transportes da época, que não conseguiam atender toda a demanda.

Entre os séculos XVII e XVIII, surgiu o turismo de intercâmbio, onde as famílias ricas mandavam seus filhos para estudarem na Europa, Grécia e Oriente Médio. Locais que traziam status sociais e poder para quem os visitasse.

Grandes atrativos que conhecemos hoje, como o Coliseu, a Torre de Pisa e os canais de Veneza na Itália, o templo de Atena na Grécia, as pirâmides do Egito, entre outros, começam a ser conhecidos, despertando o interesse de visitação, principalmente pelos jovens, que passavam meses conhecendo a Europa, sendo esse fenômeno denominado como grand tour.

De acordo com Ignarra (1999, p.18): com o fim da Idade Média e a inserção do capitalismo comercial as viagens foram se propagando, com as grandes estradas para circulação do comércio, bem como feiras de troca de mercadorias. Logo após começam as viagens de volta ao mundo, levando centenas de pessoas a alto mar por vários meses.

Como afirma Dias (2005, p. 34):

Podemos considerar o século XIX como sendo o marco inicial do desenvolvimento do turismo moderno. Os avanços tecnológicos que propiciaram a Revolução Industrial também contribuíram para a facilitação das viagens, ampliando o público em condições de realizá-las. O descobrimento do vapor como fonte de energia que passou a ser utilizada em navios propiciou deslocamentos em massa de pessoas em quantidades jamais vista antes.

Uma nova classe social surge, os burgueses, e começam a dominar o mercado, assim, o turismo começa a ser disponibilizado também para pessoas que não possuíam tanto poder aquisitivo.

A criação do trem e das ferrovias impulsionou o turismo da época, e surge na Inglaterra, a partir de 1841, precursores do turismo, como Thomas Cook que passou a organizar excursões para a Europa e Estados Unidos. Sua empresa foi considerada a primeira agência de viagens do mundo. Cook ficou na história devido a uma viagem que realizou com um grupo de 570 passageiros, que foram participar de um congresso antialcoólico, e durante o trajeto foi fornecido alimentos e bebidas, bem como boa música e jogos de cricket, também efetuou as reservas da parte de hospedagem para todos os passageiros. Foi à primeira idéia de excursão organizada.

Não somente este, mas outros benefícios Cook trouxe para o turismo, como cita Dias (2005, p. 35): Cook permitiu que um grande número de pessoas possuísse acesso à viagens de férias; criou o primeiro itinerário oficial de viagem; realizou o primeiro tour com a participação de guias de turismo e a primeira volta ao mundo com um grupo de nove pessoas.

Após, os transportes facilitaram ainda mais o turismo, com o surgimento de barcos a vapor, o que permitiu viagens mais seguras, contribuindo para o interesse de conhecer locais mais distantes, como outros continentes. Dessa maneira, a hotelaria começou a se aperfeiçoar, bem como os serviços de alimentação.

“No Brasil, a história do turismo começa com o seu próprio descobrimento.” (IGNARRA, 1999. p. 19) Pois conforme o autor relata, as primeiras explorações na costa brasileira seriam consideradas um turismo de aventura. Mais tarde, com a instalação do Governo Geral, começam os primeiros indícios de turismo de negócios.

Os serviços eram precários, na época o Brasil ainda estava se desenvolvendo, devido à vinda da família real para a colônia, surgindo assim as primeiras fábricas, bibliotecas, melhoria das estradas, como cita Ignarra (1999, p. 20):

No início do século XIX, a corte portuguesa se transfere para o Brasil e com isso há um grande desenvolvimento urbano, notadamente no Rio de Janeiro. Cresce a demanda por hospedagem na cidade em função da visita de diplomatas e de comerciantes, iniciando-se assim a hotelaria brasileira

[...] Na segunda metade do século XIX, principalmente pela ação do Visconde de Mauá, se desenvolvem os transportes movidos a vapor.

Naquele momento, são os transportes que iriam impulsionar o turismo, facilitando o movimento de bens e pessoas.

Neste contexto, começam a surgir melhorias em relação aos acessos e meios de transporte no Brasil: Cria-se a primeira estrada de ferro, a Estrada de Ferro Mauá em 1854, e em 1880 é construída a estrada Paranaguá-Curitiba, entre outras “construções de ferrovias em Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo, todas no século XIX, facilitando as viagens entre diversos pontos do país.” (DIAS, 2005, p. 36)

A partir deste momento, as cidades começam a se desenvolver próximos as linhas férreas, como ocorreu em muitas cidades do mundo. Assim, a comunidade que já se localizava próximo a esse meio de transporte, poderia atender melhor o turista, além de facilitar a entrada de produtos e mercadorias para o comércio, impulsionando a economia local.

Em 1885 surge o primeiro atrativo turístico, o trem para o Corcovado no Rio de Janeiro, o qual existe até hoje e, em 1908 foi inaugurado o Hotel Avenida do Rio de Janeiro, com 220 quartos, marcando o início da hotelaria moderna no país.

Voltando para o turismo mundial, a criação do automóvel mais uma vez facilita o deslocamento e ajuda a ampliar a quantidade de pessoas que viajam, devido à produção em massa de Henry Ford, que como consequência, traz a necessidade de construção de rodovias. Nessa época, os turistas começam a fazer circuitos pelas cidades próximas, devido à facilidade e rapidez de acesso. Assim, a hotelaria também ganha outro formato, distanciando-se das linhas férreas e se localizando a beira de rodovias, surgindo assim os motéis.

Na Europa, famílias ricas começam a visitar locais antigos, devido o interesse de relembrar a cultura antiga dos países, se locomovendo facilmente através dos veículos.

Em 1945, com o aperfeiçoamento da aviação, o turismo tem seu impulso definitivo, tornando as viagens rápidas e baratas, e sendo o principal incentivo para conhecer os locais mais longes.

Conforme Dias relata (2005, p. 38) os turistas norte-americanos geram um aumento no fluxo anual de viagens. O caribe ganha um crescimento na indústria turística, devido a recepção de uma quantidade significativa de visitantes,

principalmente americanos. Na Europa ocorre uma explosão dos centros de férias do Mediterrâneo, aproveitando o turismo de sol e praia, que naquele momento era um dos mais procurados. Países como a França, Itália e Espanha se destacam também, como as regiões frias de sucesso.

Dessa maneira, o turismo começa a ganhar visões como um setor de serviços, surgindo agências e operadoras de turismo para controlar e organizar a demanda e a oferta turística. Neste momento, o direito de férias remuneradas é alcançado, e assim outras classes sociais mais carentes possuem poder aquisitivo e tempo livre para tornar suas férias sinônimo de viagem.

A partir de meados da década de 1950, principalmente no Reino Unido, o aumento do número de agências-operadoras começou a modificar a natureza da indústria, que passou de uma atividade essencialmente individual para uma atividade mais integrada. (LICKRORISH, 2000, p.11)

Ou seja, antes dessa data, as agências de viagens, as companhias aéreas e os hotéis, atuavam de forma individual, não havia uma integração para ocorrer a venda do produto, cada ramo atuava apenas em sua área. A partir de 1950, o mercado se agrupa com um único objetivo: proporcionar a venda de um produto de qualidade para o cliente, surgindo parcerias, técnicas de vendas, agrupando serviços e proporcionando maior tranquilidade ao passageiro, como as empresas aéreas que em 1980 já vendiam viagens incluindo seguro, assistência médica e aluguel de carro.

Cresce assim a “padronização do produto turístico” (DIAS, 2005, p. 39), com técnicas de marketing implantado pelas agências, a fim de divulgar locais, e despertar interesses em determinados segmentos do turismo.

Na década de 90, o turismo começa a se dividir e ser entendido como é hoje. Turistas não buscam apenas o “sol e praia”, mas sim a natureza, bem como a consciência ambiental que é valorizada e buscada também nos atrativos, nesse contexto, surge denominações como o ecoturismo.

Relata Dias (2005, p. 41):

O turismo experimenta um processo de crescimento sem precedentes, tornando-se o maior movimento de pessoas já ocorrido na história da humanidade; ascende à posição de principal atividade econômica mundial, superando setores tradicionais, como o setor petrolífero, automobilístico e eletrônico.

Todo o processo de evolução dos meios de transporte, como da tecnologia, possibilitou essa conquista como principal atividade econômica mundial. E, que no momento só tende ao crescimento, devido à melhoria da infra-estrutura e superestrutura (organismos de gestão de regulam o sistema de turismo) das regiões, da preocupação com a prática da sustentabilidade, que beneficia todos os aspectos necessários, visando sempre maximizar aspectos positivos e minimizar impactos negativos.

No Brasil, foi somente em 1968 que se percebe a necessidade de criação de órgãos para regulamentação da atividade turística, sendo criado o CNTUR – Conselho Nacional de Turismo, o FUNGETUR – Fundo Geral de Turismo e a EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo.

A partir desse momento, a intenção foi divulgar o Brasil no exterior, com interesses econômicos, pois ainda não se pensava em estrutura para o atendimento a estes turistas. O objetivo era divulgar os atrativos brasileiros nas principais cidades internacionais, assim, começou a se preocupar em vistoriar o que o Brasil tinha de potencial, criando um inventário para “catalogar” os atrativos do país. Mas foi somente em 1983 que esse inventário tomou proporções confiáveis, dividindo a EMBRATUR em departamentos de planejamento para fiscalizar os mesmos, pois muitos continham informações falsas.

Em 1995, a EMBRATUR amadurece, e começa a pensar no turismo como uma atividade estratégica, assim, o presidente da época, Fernando Henrique Cardoso cria o PNMT - Programa Nacional de Municipalização do Turismo, que mais tarde se torna o PRT - Programa de Regionalização do Turismo, que desenvolve os municípios próximos as grandes cidades receptoras, criando-se assim regiões turísticas, e como consequência a integração da comunidade.

Conforme cita Andrade (2001, p. 207): “Órgão de cabeceira na determinação e no encaminhamento de diretrizes do setor ao Governo, a Embratur se caracteriza mais como organismo fiscalizador e classificador de atividades.” Destacando esta sua principal função e criticando a falta de atuação e devida importância ao patrimônio que o país possui.

No cenário mundial, por volta do século XXI, conforme citado por Dias (2005, p. 40): “o turista torna-se mais exigente com o produto, cobrando qualidade em todos os subprodutos que utiliza durante a viagem”. Portanto, percebe-se o amadurecimento do viajante, bem como os seus interesses delimitados, a

consciência ambiental, que nesse momento é cada vez mais valorizada, além dos princípios de sustentabilidade que tomam frente do planejamento de determinado local, devido à preocupação, vinda principalmente do turista. E como consequência, a valorização do turismo perante os órgãos públicos e privados, buscando sua constante manutenção e a qualidade nos serviços prestados, pelo menos, na teoria.

2.2.3 -Roteiro turístico

Um roteiro turístico é a determinação de locais de interesse para o público e o turista, que por identificação de seus gostos e preferências poderá ser destacado.

Para esse público pode ser importante um roteiro para que sua viagem seja algo inesquecível seja qual for o motivo que a trouxe na cidade.

O produto final consumido pelo turista é composto por uma série de informações relativas a sua viagem, que incluem lugares visitados, permanência média e atrativos visitados em cada lugar dentre outros. O conjunto dessas informações compõe os *roteiros turísticos*. É importante que, dentro de uma estratégia de marketing, haja a preocupação de oferecer ao mercado sugestões de roteiros de acordo com a sua segmentação, prontos para a comercialização (BENI, 2006, pg 126)

Segundo Beni (2006, pg 126) um roteiro turístico bem aceito pelo público que irá comprar, é aquele que tem um conjunto de informações a visita aos atrativos da cidade, neste caso os mais adaptados para recepção deste público, hotéis, restaurantes, lugares onde eles utilizem para sua permanência na cidade. Por esses aspectos é importante que haja uma preocupação com esse público, que muitas vezes vem sozinho ou até mesmo acompanhados, para conhecer a cidade de uma forma diferenciada, sem se preocupar se irá ser barrado por suas limitações ou não, tendo mais segurança naquilo que está comprando da agência e já conhecendo os lugares que a cidade pode lhe oferecer como oferta.

Este trabalho idealiza a criação de um roteiro turístico na cidade de Curitiba para pessoas interessadas na concepção e compreensão das diferenças religiosas.

O conhecimento da oferta turística da localidade permite prever e utilizar adequadamente os elementos que irão compor o roteiro (seleção de atrativos, equipamentos e serviços, infra e super estruturas).

Existem alguns elementos para ordenar e formar um roteiro turístico, para que este seja bem sucedido dando ao cliente uma segurança e conforto na hora da escolha do seu roteiro.

O Processo de ordenação de elementos, os quais intervêm na efetivação da viagem pode estabelecer o norteamento para circulação turística, sugerindo determinados trajetos, criando fluxos e dando condições de aproveitamento racional de atrativos. Deve ocorrer uma sincronia entre fatores vinculados a, espaço geográfico a ser percorrido, tempo de duração dos deslocamentos, serviços de necessidade para os deslocamentos, tipo de atrativos, e serviços associados como hospedagem, transportes, alimentação, adequar o Meio de transporte em função e a quantidade e qualidade dos locais a serem visitados.

O roteiro é na sua concepção a descrição pormenorizada de seu itinerário ou de uma viagem, indica uma seqüência de atrativos de uma localidade merecedores de serem visitados.

Existem alguns tipos de roteiro qual pode ser nacional, internacional, local, central periférico, intermunicipais, estaduais regionais. Sendo que em todos eles é fundamental saber seu público alvo, adequação de transportes, locais adequados para cada público, viabilidade econômica, calendário anual, para que este roteiro seja aplicado da maneira e data certa, para que não haja frustrações nas visitas realizadas.

Apesar do próprio nome já expressar seu intuito, a definição de roteiro turístico não se aplica apenas a um conceito, mas basicamente “roteiros turísticos são itinerários de visitação organizados.” Tavares (2002 p. 14)

De suma importância para o desenvolvimento turístico, os roteiros tornam-se fundamentais na organização e comercialização do turismo como produto, como define o Ministério do Turismo caracterizando roteiro “por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definindo e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística.” (CORES DO BRASIL, 2010).

Ainda em menção a Tavares (2002), “os roteiros turísticos são uma das principais formas de contextualizar os atrativos existentes em uma localidade e, conseqüentemente, de potencializar seu poder de atratividade”, fazendo com que assim a oferta local seja divulgada, podem aumentar o fluxo da demanda.

Um fator de grande relevância para o planejamento de um roteiro, ainda em fase de elaboração, é a segmentação do mesmo, como BAHLE (2004 p. 54) cita, é importante

identificar o “tipo de clientela a que se dirigirão os programas, ou de quem vai usufruí-los, tanto em termos de camada social como de faixa etária” podendo assim direcionar a seu público alvo suas ações promocionais.

Para a elaboração de um roteiro, é necessário ainda classificá-lo em alguns aspectos operacionais, que de acordo com Tavares (2004 p. 27) pode ser:

- Local de elaboração: emissivos e receptivos
- Agente organizador: elaborados por órgãos públicos, iniciativa privada ou individualmente pelo próprio turista.
- Organizados ou espontâneos
- Comercializados, com horários determinados para chegada e saída assim como tempo de permanência entre outros.

Ao elaborar um roteiro comercializado devem se levar em conta o conhecimento dos agentes envolvidos em relação à localidade como guias, motoristas e agentes intermediários, como hotéis e restaurantes e atrativos.

2.3 – ASPECTOS GERAIS E TURÍSTICOS DE CURITIBA

2.3.1 – Aspectos gerais

Curitiba é a capital do Estado do Paraná, e tem uma formação muito heterogênea da sua população. Tem sua fundação oficial no dia 29 de março de 1693, completando esse ano, a marca de 320 anos de “idade”. Na economia, teve ciclos de minérios, agricultura, extrativismo vegetal e um dos mais importantes, foi o da erva-mate. A cidade fica situada a 945 metros de altitude em relação ao nível do mar, e a aproximadamente 100 km do litoral. Tem uma área de pouco mais de 434 mil km², setenta e cinco bairros, e uma população de 1.851.215 habitantes (IBGE,2009).

2.3.2 – Aspectos históricos

Curitiba foi fundada no dia 29 de março de 1693 pelo então capitão-povoador Matheus Leme sob o nome de Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que somente em 1721 mudaria de nome para Curitiba. Mudança de atitude proposta pelo Ouvidor Raphael Pardiniho, que determinou que os habitantes já começassem a se

preocupar com o meio ambiente da cidade, promovendo cortes de árvores somente em áreas demarcadas e o cuidado com o Ribeirão, hoje Rio Belém. Ouvidor Pardini determinou também que casas deveriam ter autorização da Câmara de Vereadores para serem construídas.

Nos anos seguintes, por mudanças na política federal, a cidade acabou por ser esquecida pelas autoridades, e passou a depender somente de si para crescer e prosperar, e devido a sua localização geográfica próxima do Caminho do Viamão, grande rota dos tropeiros nos anos 1800, a cidade voltou a prosperar, com a criação de armazéns, hospedarias, estalagens, comércio, tanto que foi destino de uma das viagens do escritor francês Auguste de Saint-Hilaire, que escreveu o seguinte sobre a cidade:

“...As ruas são largas e quase regulares... a praça pública é quadrada, muito grande e coberta de grama... as igrejas são em número de três, todas construídas de pedra... em nenhuma outra parte do Brasil eu havia tantos homens verdadeiramente brancos, como no distrito de Curitiba... pronunciam o português sem a alteração que revela a mistura da raça caucásica com a vermelha... são grandes e bonitos, tem os cabelos castanhos e tez rosada, maneiras agradáveis... as mulheres têm traços mais delicados do que as das outras partes do Império por onde viajei. Elas se escondem menos e conversam com desenvoltura.” (Saint Hilaire, 1820, sobre Curitiba).

Com esse crescimento visível, em 1853, Curitiba tornou-se a Capital da então Província do Paraná, que acabava de ser emancipada politicamente da Província de São Paulo.

O primeiro prefeito de Curitiba, logo após a implantação da República, foi José Borges de Macedo, sendo sucedido por Cândido de Abreu.

Outro ponto importante a ser destacado é o fato da criação da primeira universidade federal do país, a Universidade Federal do Paraná, por Victor Ferreira do Amaral, Nilo Cairo e Pamphilo de Assumpção, no ano de 1912, trazendo ainda mais prosperidade e desenvolvimento socioeconômico e cultural para a cidade.

A partir daí, a então pequena Vila, que se tornou a capital da província, não parou mais de crescer, sempre pautada no cuidado ao meio-ambiente, na educação ambiental, e no desenvolvimento estruturado da sua malha de transportes, tornando-se um marco e uma referência para muitas outras cidades no mundo.

2.3.3. Aspectos Geográficos

Curitiba, capital do Estado do Paraná, está localizada na Região Sul do Brasil e ocupa o espaço geográfico de 432,17km² de área na latitude 25°25'40"S e longitude 49°16'23"W, e é o centro da Região Metropolitana que carrega seu nome, formada por 29 municípios: Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo do Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Doutor Ulysses, Fazenda Rio Grande, Itaperuçu, Lapa, Mandirituba, Piên, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Quitandinha, Rio Branco do Sul, Rio Negro, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul e Tunas do Paraná, e possui um sistema de transporte que integra boa parte desses municípios.

O principal rio do Estado é o Rio Paraná, sendo que o Município de Curitiba localiza-se a margem direita e a Leste da maior sub-bacia do Rio Paraná, a Bacia Hidrográfica do Rio Iguaçu.

Os rios que cortam Curitiba e que assim constituem as bacias hidrográficas do município são: Rio Atuba; Rio Belém; Rio Barigui, Rio Passaúna, Ribeirão dos Padilhas e o Rio Iguaçu, todas com características idênticas de drenagem.

Com relação ao relevo do Município de Curitiba, este se localiza no Primeiro Planalto, o qual foi descrito por Reinhard Maack (1981) como “uma zona de reversão entre a Serra do Mar e a Escarpa Devoniana”, mostrando um plano de erosão recente sobre um antigo tronco de dobras.

Uma série de terraços escalonados são dispostos em intervalos altimétricos caracterizando Curitiba com uma topografia ondulada de colinas suavemente arredondadas dando-lhe uma fisionomia relativamente regular.

O Município de Curitiba possui altitude média é de 905,00m acima do nível do mar, sendo que o ponto mais elevado está na zona Norte da cidade, com 1.021,00m no Bairro Lamenha Pequena, e o ponto mais baixo da cidade com cota de 864,90m está localizada no bairro do Caximba, na cabeceira do Rio Iguaçu na zona Sul da cidade.

Sobre o nosso clima, a cidade está numa área de influência do clima subtropical úmido (Koppën, 1936), contando com um inverno frio e seco, com temperaturas que muitas vezes atingem 2° C, mas ficando com média de 9° C e um

verão quente e úmido, com grande incidência de precipitações com média de 1.434mm/ano, com temperaturas médias de 24,5°C.

Os extremos que a cidade já chegou são de -6,0°C em 18 de julho de 1975 (Simepar, 2012) e +35,0°C em 30 de outubro de 2012 (Simepar, 2012). Isso mostra a discrepância de temperaturas nas diferentes estações do ano.

2.3.4. Aspectos Culturais

Não tem como começar a falar da cultura de Curitiba e não destacar o traço mais marcante que define o perfil de Curitiba: a chegada de imigrantes das mais variadas procedências.

Europeus e asiáticos contribuíram para a formação da estrutura populacional, econômica e sociocultural da cidade. Assim como brasileiros de todos os cantos também vieram contribuir para a construção da Curitiba que conhecemos hoje.

Com a emancipação política do Paraná em 1854, Curitiba sofreu uma grande transformação pela intensa imigração de europeus. Alemães, franceses, suíços, poloneses, italianos e ucranianos, vieram para nossas cidades ou fundaram suas colônias no interior e conferiram um novo ritmo de crescimento à cidade e influenciaram de forma marcante os hábitos e costumes locais.

Os imigrantes sírios e libaneses vieram para cá um pouco mais tarde, a partir da metade final do século XIX e no início do século XX estabeleceram-se no comércio de roupas, sapatos, tecidos e armarinhos. Em função das características de suas lojas, ocuparam a área central da cidade.

Os poloneses chegaram em 1871 e hoje formam em Curitiba a maior colônia polonesa no Brasil. Em 1872, a presença dos alemães no núcleo urbano já era notável.

Os italianos vieram para Curitiba em 1872 e, em 1878, criaram a colônia Santa Felicidade, bairro tradicional da cidade. Os ucranianos vieram em 1895, e foram expandindo suas propriedades ao longo da atual Avenida Cândido Hartmann e por todo o bairro Bigorrião, nos arredores da praça da Ucrânia, criada em sua homenagem.

O empreendedor japonês MizumoRyu foi o responsável pela imigração dos primeiros japoneses para o Brasil em 1908 e já em 1915 marcavam presença em

Curitiba. Em 1924, deslocaram-se para cá em maior número e se fixaram na cidade e no município de Araucária.

Para cada etnia imigrante, Curitiba encontrou uma forma de homenageá-la seja através de Praças, Bosques ou Memoriais: o Bosque do Alemão, o Memorial Árabe, a Praça do Japão, o Bosque São Cristóvão e o Portal de Santa Felicidade que homenageia os colonizadores italianos, o Bosque João Paulo II que homenageia os imigrantes poloneses, o Bosque de Portugal, o Memorial Ucrâniano e o Memorial Africano.

Curitiba sedia desde 1992 o Festival de Teatro, considerada a maior festa das artes cênicas do país. O Festival transforma a capital paranaense num grande palco e atrai olhares e pessoas vindas de todas as regiões do país e do exterior. Teatro é o foco principal do evento, mas há espaço para música, festas, shows de humor e magia, debates, exposições fotográficas e experiências gastronômicas.

2.3.5 – Aspectos Políticos

A cidade é administrada pelos poderes executivo, legislativo e judiciário, como todo o restante do território brasileiro. A atual legislatura municipal é chefiada por Gustavo Fruet, que assumiu no início de 2013 e deverá terminar o seu mandato em dezembro de 2016.

Auxiliando no governo da cidade temos a vice-prefeita Miriam Gonçalves, os secretários escolhidos por Fruet e também a Câmara Municipal de Curitiba, que conta com 38 vereadores.

No âmbito judiciário, temos em Curitiba, o Fórum da Comarca, o Tribunal de Justiça do Estado do Paraná e o Ministério Público.

2.3.6 – Aspectos socioeconômicos

A população de Curitiba no ano de 2010 é de 1,75 milhão de habitantes e ocupa o 8º lugar no ranking das capitais brasileiras. No Estado do Paraná, Curitiba destaca-se como maior município em número de habitantes, respondendo por 16,8% da população total.

A população de Curitiba distribui-se por 75 bairros, destacando-se o bairro da Cidade Industrial que concentra quase 11% da população total.

Segundo o IBGE, residem em Curitiba aproximadamente 14,8 mil estrangeiros. Com maior representatividade estão os portugueses (11,8%), os japoneses (9,8%) e os alemães (8,4%).

Em aspectos econômicos, Curitiba ocupa a 4ª posição no ranking dos municípios brasileiros, o que representa uma participação de 1,41% no PIB nacional. O PIB de Curitiba cresceu entre 2002 e 2011 em termos reais, 54,9%. Em 2011, o PIB da cidade ultrapassou 50 bilhões de reais.

Na composição do PIB, o setor de Serviços contribui de forma significativa sendo responsável por 80,52% do PIB total. A Indústria responde por 19,44% e a Agropecuária por menos de 1%.

“Curitiba tem muitos pontos fortes que a tornam uma competidora quase imbatível para novos empreendimentos. Com um Produto Interno Bruto (PIB) de 50,3 bilhões de reais e uma população de 1,75 milhão de habitantes, a cidade está localizada em uma posição geográfica estratégica, no coração do Mercosul, próxima dos grandes mercados consumidores do Brasil. Tem ligação rodoviária e ferroviária com portos e aeroportos. A cidade oferece mão de obra qualificada e dispõe de todos os serviços e atrações disponíveis em um grande centro, aliada a um nível de qualidade de vida de países desenvolvidos.” (Camargo, 2010)

Em 2010 o município de Curitiba totalizou 848.850 empregos, o que representa um aumento de 1,8% em relação a 2009, quando o número de empregos havia sido de 833.585.

O setor terciário, composto pelo setor de Serviços e Comércio, teve maior representatividade nos empregos formais de Curitiba em 2010, com 81,5% do total. Dos 691.909 empregos, 18,1% correspondem ao Comércio e 63,4% a Serviços.

Um dos fatores que mais afetam a produtividade e, conseqüentemente, a competitividade das empresas, diz respeito ao grau de instrução dos trabalhadores. Pode-se afirmar que Curitiba apresenta indicadores positivos quando comparados com a média nacional.

Com 33% dos empregados com nível superior incompleto ou mais, o setor que apresenta maior grau de instrução é o de Serviços com 43%, no qual se enquadram as atividades que exigem maior nível de especialização, tais como: Educação, Saúde, Áreas Científicas, entre outras.

Comparando-se o grau de instrução dos trabalhadores de Curitiba com a média do país, observa-se uma maior representatividade do grau Superior Completo (26% contra 16%), além de menor proporção de trabalhadores analfabetos (0,2% contra 0,5%) (PMC, 2010).

2.3.7 – Atrativos

Curitiba encontrou um modo de homenagear todas as etnias formadoras da cultura da cidade com praças, parques, bosques e museus e assim sendo, cada um destes pontos se tornou um importante atrativo turístico da capital.

A grande maioria desses pontos são atrativos naturais da cidade, e os melhores exemplos são: Bosque Alemão, Bosque Italiano, Bosque do Papa, Bosque de Portugal, Jardim Botânico, Parque Barigui, Parque Bacacheri, Parque Tanguá, Praça do Japão, Passeio Público de Curitiba, Praça Osvaldo Cruz, Praça da Espanha, Praça da Ucrânia, Memorial Árabe, entre tantos outros pontos conhecidos da cidade pela sua beleza natural e cultural.

Outros atrativos muito importantes da cidade e quem grande relevância ao turismo e a cultura da cidade são: o Largo da Ordem, o Centro Cívico na Avenida Cândido de Abreu, Rua 24 horas, a Torre Panorâmica da Oi, ou Telepar para os mais antigos, Ópera de Arame e Pedreira Paulo Leminski, Rua das Flores/ Calçadão da XV, Boca Maldita, Museu Oscar Niemeyer, Museu Ferroviário no Shopping Estação, Mercado Municipal, Prédio histórico da Universidade Federal do Paraná na Praça Santos Andrade, Teatro Guaira e muitos outros.

2.3.8 – Equipamentos e instalações

Curitiba conta com diversos postos de informações turísticas nos pontos de maior movimentação da cidade, como por exemplo: Aeroporto Afonso Pena, Rodoferroviária, Rua 24 Horas, Torre Panorâmica, Shopping Crystal, Praça Garibaldi, também conhecido como o Largo da Ordem.

A cidade possui diversos exemplos de salas de espetáculo de inquestionável gabarito técnico-acústico. Dentre todos esses, o mais importantes são: Teatro Positivo, localizado na Universidade Positivo, com 2.400 lugares é o maior teatro do Paraná, Teatro Guaíra possui três auditórios, o maior com 2.173 lugares, Teatro Paiol, antigo Paiol de Pólvora de Curitiba, construído em 1906, transformado em um charmoso teatro de arena, com capacidade para 225 pessoas, Teatro “Ópera de Arame” cuja estrutura é de ferro tubular e teto de policarbonato transparente tem um palco de 400m² e capacidade para 1.640 espectadores. Curitiba conta com diversos museus, destacando-se o Museu Oscar Niemeyer, Museu de Arte Sacra, Museu do,

Museu de Arte Contemporânea, Museu da Imagem e do Som, Museu Alfredo Andersen, Museu Metropolitan de Arte de Curitiba, Museu de História Natural, Museu Botânico Municipal e podemos destacar também o Museu Egípcio, no bairro Bacacheri, que entre outras obras, conta com uma múmia em seu inventário.

Enfim, Curitiba conta com cerca de 260 espaços culturais capacitados para a realização de atrações de diferentes proporções na área de música, teatro, cinema e artes visuais.

O parque hoteleiro da cidade conta com hotéis de diversas redes nacionais e mundiais, como Tuliplnn, Bristol Hotéis, Bourbon, Dan Inn, Sheraton, Rede Accor, e também com muitos hotéis independentes e nesse caso, os de maior expressão na cidade são os hotéis Victoria Villa Hotel, Lizon, Lancaster.

Curitiba contava em 2010 com 160 hotéis e cerca de 13 mil quartos, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, a ABIH, e a expectativa é de que em 2014 tenhamos mais 24 novos hotéis e 1950 novos quartos.

2.3.9 - Infra-estrutura

Exemplo no transporte, e encontrando diversas dificuldades na gestão da área da saúde atualmente, Curitiba melhorou a infra-estrutura local para a mobilidade da cidade no período da Copa do Mundo da FIFA 2014 e deixou um importante legado para as próximas gerações da cidade.

Como cidade-sede, o maior desafio é o de manter o transporte no nível que sempre teve. Apesar de superlotado hoje em dia, ainda é um sistema extremamente eficiente e rápido. O sistema foi exemplo para várias outras cidades do mundo, e ficou ainda mais evidente a sua eficiência durante o COP-8/ MOP-3 da ONU, no qual até mesmo os grandes líderes mundiais que participavam do evento utilizaram o sistema de ônibus da nossa cidade.

Na área da saúde, hoje a cidade tem um grande problema de gestão devido ao tamanho do sistema. A cidade conta com 112 Unidades Municipais de Saúde, 9 Distritos Sanitários, muitos Centros de Apoio Psicossociais, Centros de Especialidades e muitos outros centros de apoio que ajudam a fazer da saúde da cidade um grande desafio, mas que se trabalhada corretamente, será finalmente o sistema de saúde que o curitibano merece.

2.3.10 - Superestrutura

Para organizar as ações de Turismo, Curitiba conta com o Instituto Municipal do Turismo, um órgão municipal, que conta com uma equipe de apoio.

Curitiba conta também com a sede da Secretaria Estadual de Turismo, e é na secretaria que são definidas as estratégias do Turismo do Estado em suas 10 regiões turísticas.

2.3.11 - Perfil da demanda

Para poder se basear no mercado turístico de Curitiba, é preciso partir do pressuposto de que devemos conhecer o perfil majoritário dos visitantes da cidade.

Curitiba é um conhecido pólo de turismo de negócios, e por turismo de negócios se entende:

Deslocamento de executivos e homens de negócios, portanto turistas potenciais, que afluem aos grandes centros empresariais e cosmopolitas a fim de efetuar transações e atividades profissionais, comerciais e industriais, empregando seu tempo livre no consumo de recreação e entretenimento típicos desses grandes centros, incluindo-se também a frequência a restaurantes com gastronomia típica e internacional. (BENI, 2001 p.431)

Não são somente os turistas nacionais que tem esse perfil, mas também os internacionais. Outros motivos das viagens para Curitiba são visitas a parentes e amigos, lazer, eventos e tratamentos de saúde.

Segundo dados da pesquisa realizada pela Secretaria de Estado do Turismo do Paraná, os turistas brasileiros que vem a Curitiba gastam aproximadamente US\$ 60,8 per capita e por dia, e permanecem 3,5 dias (MIRANDA,2010). Já os turistas internacionais, permanecem 5,9 dias e gastam em média US\$ 97,9 por dia.

Essa pesquisa demonstra que o público turístico de Curitiba se mostra satisfeitos com a infra-estrutura geral da cidade, mas que essa mesma infra-estrutura de segurança pública deixa a desejar.

Hoje, Curitiba tenta fazer com que seus turistas permaneçam por mais tempo na cidade, fazendo assim com que estes gastem mais dinheiro na cidade, gerando assim mais renda, mais impostos e conseqüentemente, mais desenvolvimento para a cidade. A cidade trabalha também para mudar a imagem de Turismo de Negócios para Turismo de Lazer, com a integração de roteiros turísticos da região Rota dos Pinhais com as outras regiões turísticas do Estado.

3- CULTURA RELIGIOSA E OS ESPAÇOS SAGRADOS EM CURITIBA

Neste capítulo serão apresentados aspectos sobre as culturas religiosas abordadas no projeto e que fazem parte do roteiro turístico-religioso, dividido em 05 grupos religiosos, e que visam demonstrar a importância da diversidade e percepção das mesmas.

Os cinco grupos são as religiões: oriundas da cultura afro-descendente e da cultura indígena (1), cultura oriental (2), cultura ocidental monoteísta (Cristianismo) (3) e Cultura ocidental monoteísta islamismo (4) e as representações dos novos grupos e filosofias religiosas e de vida (5).

A seguir serão abordados aspectos dos atrativos em Curitiba e características das culturas de cada religião.

3.1 - CULTURA AFRO E INDÍGENA

Está representada pela Praça do Zumbi dos Palmares. foi criada a Praça do Zumbi dos Palmares (2010), inicializada pelo prefeito na época Beto Richa e terminada na gestão do prefeito Luciano Ducci, essa praça foi criada com o propósito de homenagear o continente-sede da copa do mundo e também para lembrar-se do povo que faz parte de Curitiba. Ela recebeu esse nome devido a um escravo livre chamado Zumbi que foi o último dos líderes do Quilombo dos Palmares (por isso Zumbi dos Palmares), o maior dos quilombos do período colonial. Zumbi nasceu na então Capitania de Pernambuco, na serra da Barriga, região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no estado brasileiro de Alagoas.

É possível afirmar que a construção se deve também a escolha da cidade como uma das sedes da futura copa, em 2014, e que iria servir para homenagear o país e o continente que estava sediando a atual copa (a África do Sul e o Continente Africano). No dia da inauguração estiveram presentes alguns representantes de países africanos. Eles enfatizaram a importância da criação de um parque assim para que as pessoas possam ter consciência de que nenhuma cultura é melhor que a outra e que não foi só uma cultura que formou o Brasil e sim várias, por isso que Curitiba dá um exemplo, pois tem vários parques fantásticos que mostram a diversidade.

A Praça Zumbi dos Palmares, possui aproximadamente 21.600 metros quadrados e com a revitalização (pois anteriormente não possuía esse nome) ganhou um grande portal na entrada principal cujas duas colunas simbolizam a educação e a cultura e ao lado 54 colunas representam cada um dos países do continente e foi projetado pelo arquiteto Fernando Canalli¹¹. Também pode se encontrar um pequeno palco com um mural na parte de traz que mostra o trabalho dos negros na época de escravidão trabalhando em lavouras de cana, possui parquinho para as crianças brincarem e quadra de futebol.

Desde sua inauguração em 2010, a praça virou um ponto de celebração do dia da consciência negra em Curitiba. A data 20 de novembro foi escolhida, pois é a mesma data em que Zumbi dos Palmares morreu. Nessas festas são pregadas a Liberdade de Expressão, a Igualdade, a Inclusão Social e tentam mostrar que devemos viver em harmonia entre raças e gêneros diferentes.

A tabela a seguir mostra alguns aspectos das culturas abordadas:

RELIGIÕES CULTURA AFRO E INDÍGENA

RELIGIÕES BRASILEIRAS	AFRO-	AMÉRICA DO SUL	CANDOMBLÉ
		AMÉRICA DO SUL	UMBANDA
RELIGIÕES INDÍGENAS		AMÉRICA DO SUL	TUPI
		AMÉRICA DO SUL	GÊ
			GUARANI
			KAINGANG

TABELA 2 – Aspectos da cultura afro e indígena

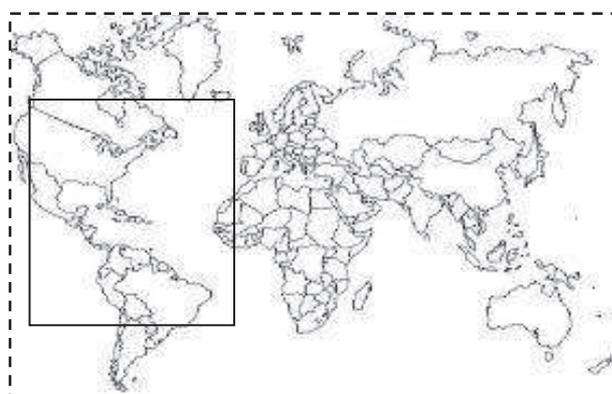


Figura 2 – Mapa cultura religiosa afro-brasileira e indígena

¹ Canalli, Fernando . Arquiteto paranaense.

Comunidades Indígena

Historiadores afirmam que antes da chegada dos europeus à América havia aproximadamente 100 milhões de índios no continente. Só em território brasileiro, esse número chegava 5 milhões de nativos, aproximadamente. Estes índios brasileiros estavam divididos em tribos, de acordo com o tronco lingüístico ao qual pertenciam: tupi-guaranis (região do litoral), macro-jê ou tapuias (região do Planalto Central), aruaques (Amazônia) e caraíbas (Amazônia).

Atualmente, calcula-se que apenas 400 mil índios ocupam o território brasileiro, principalmente em reservas indígenas demarcadas e protegidas pelo governo. São cerca de 200 etnias indígenas e 170 línguas. Porém, muitas delas não vivem mais como antes da chegada dos portugueses. O contato com o homem branco fez com que muitas tribos perdessem sua identidade cultural.

Entre os indígenas não há classes sociais como a do homem branco. Todos têm os mesmos direitos e recebem o mesmo tratamento. A terra, por exemplo, pertence a todos e quando um índio caça, costuma dividir com os habitantes de sua tribo. Apenas os instrumentos de trabalho (machado, arcos, flechas, arpões) são de propriedade individual. O trabalho na tribo é realizado por todos, porém possui uma divisão por sexo e idade. As mulheres são responsáveis pela comida, crianças, colheita e plantio. Já os homens da tribo ficam encarregados do trabalho mais pesado: caça, pesca, guerra e derrubada das árvores.

Duas figuras importantes na organização das tribos são o pajé e o cacique. O pajé é o sacerdote da tribo, pois conhece todos os rituais e recebe as mensagens dos deuses. Ele também é o curandeiro, pois conhece todos os chás e ervas para curar doenças. Ele que faz o ritual da pajelança, onde evoca os deuses da floresta e dos ancestrais para ajudar na cura. O cacique, também importante na vida tribal, faz o papel de chefe, pois organiza e orienta os índios.

A educação indígena é bem interessante. Os pequenos índios, conhecidos como curumins, aprendem desde pequenos e de forma prática. Costumam observar o que os adultos fazem e vão treinando desde cedo. Quando o pai vai caçar, costuma levar o indiozinho junto para que este aprenda. Portanto a educação indígena é bem prática e vinculada a realidade da vida da tribo indígena. Quando atinge os 13 ou 14 anos, o jovem passa por um teste e uma cerimônia para ingressar na vida adulta.

Os índios domesticavam animais de pequeno porte como, por exemplo, porco do mato e capivara. Não conheciam o cavalo, o boi e a galinha. Na Carta de Caminha é relatado que os índios se espantaram ao entrar em contato pela primeira vez com uma galinha.

As tribos indígenas possuíam uma relação baseada em regras sociais, políticas e religiosas. O contato entre as tribos acontecia em momentos de guerras, casamentos, cerimônias de enterro e também no momento de estabelecer alianças contra um inimigo comum.

Os índios faziam objetos utilizando as matérias-primas da natureza. Vale lembrar que índio respeita muito o meio ambiente, retirando dele somente o necessário para a sua sobrevivência. Desta madeira, construíam canoas, arcos e flechas e suas habitações (oca). A palha era utilizada para fazer cestos, esteiras, redes e outros objetos. A cerâmica também era muito utilizada para fazer potes, panelas e utensílios domésticos em geral. Penas e peles de animais serviam para fazer roupas ou enfeites para as cerimônias das tribos. O urucum era muito usado para fazer pinturas no corpo.

Cada nação indígena possuía crenças e rituais religiosos diferenciados. Porém, todas as tribos acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados. Para estes deuses e espíritos, faziam rituais, cerimônias e festas. O pajé era o responsável por transmitir estes conhecimentos aos habitantes da tribo. Algumas tribos chegavam a enterrar o corpo dos índios em grandes vasos de cerâmica, onde além do cadáver ficavam os objetos pessoais. Isto mostra que estas tribos acreditavam numa vida após a morte.

Comunidade Afro-brasileira

O Candomblé é uma das religiões afro-brasileiras que se desenvolveram em terras brasileiras. Seus seguidores cultuam os orixás – panteão de divindades africanas – e se consideram conectados a objetos, animais ou plantas ancestrais, conhecidos como totens. Esse culto também se estende pelo Uruguai, Argentina, Venezuela, Colômbia, Panamá e México e por alguns países europeus.

Esse culto nasceu aqui nas senzalas, fruto dos costumes e práticas dos negros trazidos como escravos para o Brasil. Ironicamente, pode-se dizer que o

Candomblé é conhecido hoje em nosso país às custas de muitos afro-brasileiros mortos, torturados, perseguidos em nossas terras pelos escravocratas e pela Igreja. Da resistência cultural e religiosa deste povo brotou em terras brasileiras esta religião afro-brasileira, aqui modificada por uma questão de sobrevivência dos negros, que dissimularam seu culto sob a forma do famoso sincretismo religioso local.

Foi construído com base no que se pode chamar de alma da Natureza, sendo assim considerada uma religião anímica. Assim como os negros em geral, os praticantes dessa cultura religiosa, proibida pelo Catolicismo, foram perseguidos e criminalizados. Mesmo assim ela cresceu consideravelmente ao longo de quatro séculos, desde a abolição da escravatura, em 1888, graças aos seus adeptos, provenientes das mais diversas classes sociais, que durante este período construíram dezenas de milhares de templos. Atualmente pelo menos três milhões de brasileiros revelam-se praticantes deste culto. Salvador é o grande centro desta prática, com aproximadamente 2230 terreiros oficialmente registrados pela Federação Baiana de Cultos Afro-Brasileiros. Isso sem levar em conta o sincretismo brasileiro, que leva uma grande parte da população a praticar mais de uma religião ao mesmo tempo, incluindo o Candomblé.

Tradicionalmente os orixás, rituais e festas do Candomblé são hoje considerados patrimônios culturais brasileiros, e parte essencial do folclore brasileiro. Para melhor compreender esta religião, é preciso ter em mente que os negros trazidos para o Brasil não eram culturalmente padronizados, nem todos eram incultos ou semidesenvolvidos. Alguns povos tinham uma estrutura social de certa forma complexa, com hierarquias que incluíam reis, rainhas, sacerdotes, príncipes, generais, exércitos, e outros mais. Certas tribos tinham a religião e o comércio em estágios avançados, algumas sendo até herdeiras de culturas egípcias, gregas e persas. Muitas destas culturas foram infelizmente enfraquecidas, até mesmo destruídas, tanto pela escravidão quanto pela opressão cristã e até mesmo a muçulmana.

Os orixás eram entidades ligadas à Natureza e também à Humanidade. Os discípulos do Candomblé são adeptos do que se chama de mediunismo – seus médiuns não dão passividade a Espíritos ‘mortos’, conhecidos como ‘eguns’, mas somente a estas divindades chamadas de orixás. Os negros cultuam sete Orixás Maiores e vários Orixás Menores. Os primeiros orixás são os deuses voltados para o

lado mais espiritual e sagrado da vida. Os outros são ligados aos interesses mais materiais.

Os homens atraem determinados orixás de acordo com a vibração que apresentam em sua natureza – podem assim sintonizar-se com os mais elevados ou com os de condição inferior, mais materializados. Cada um é então considerado como proveniente de uma ou outra frequência psíquica, ou chamado de “filho de Santo”. Os orixás maiores são: Oxalá -representa a natureza mais espiritualizada, é o instrumento dos desígnios divinos, Jesus para os umbandistas; Iemanjá - simboliza o feminino e as águas do mar, é a imagem de Nossa Senhora; Xangô - a justiça terrena, com a efetivação da lei de causa e efeito; Ogum - simboliza o conceito de trabalho, de luta, na natureza representa os metais; Oxóssi - a natureza juvenil da humanidade e as matas; Iorimá – símbolo da maturidade e da humildade, está conectada ao movimento das águas; Iory – é o aspecto infantil, a inocência da criança, a alegria da Natureza.

A Umbanda historicamente as raízes da Umbanda surgiram nos quilombos, onde além de escravos africanos e afrodescendentes fugidos e seus filhos nascidos nos quilombos, haviam uma população de brancos pobres e descontentes com o governo e instituições brasileiras, e muitos índios que se ligavam ao quilombo por questões comerciais e de segurança. De forma democrática resolviam suas questões em assembléias e tinham o mesmo templo para a prática das diferentes religiões de seus habitantes de tantas origens. Como nem sempre havia padres disponíveis, pois os quilombos muitas vezes tinham localização secreta, começou-se a fundir as religiões católica, africanas e indígenas num único culto, surgindo as Macumbas (Mekumba= Curandeirismo, arte de curar). Nas macumbas havia o contato com os espíritos, porém nem sempre para o aprendizado espiritual, com a incorporação da doutrina espírita surgiu então a UMBANDA em suas diferentes vertentes, que variam conforme as proporções das suas raízes umas em relação as outras.

A fundação na década de 1920 do centro de umbanda de Zélio Fernandino de Moraes, embora significativa para a história, não permite, entretanto, que possamos identificá-lo como o primeiro centro dessa religião. Mesmo porque é mais provável que a umbanda não tenha se formado a partir de um único terreiro irradiador.

A umbanda se desenvolve paralelamente em diferentes estados sem que exista, pelo menos de maneira comprovada, uma relação de influências entre os diversos terreiros. Em meados dos anos 20, existe em Niterói a tenda Zélio de Moraes, no Rio de Janeiro a de Benjamin Figueiredo, em Porto Alegre a de Otacílio Charão.

Contudo, no final da década de 1930 e início de 1940, já é possível observar a existência de um movimento umbandista portador de uma ideologia conscientemente estabelecida à qual os terreiros, com maior ou menor fidelidade se identificam.

A umbanda, inspirando-se nas federações Kardecistas, também criou suas próprias federações. Em 1939, Zélio e outros líderes umbandistas fundaram no Rio de Janeiro a primeira federação de umbanda, a União Espírita da Umbanda do Brasil, principal articulado do Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda, ocorrido em 1941, no Rio de Janeiro, quando as principais diretrizes da religião foram traçadas.

Os objetivos das federações, que a partir da década de 1940 começam a proliferar também em outros estados onde a umbanda foi se expandindo, como São Paulo e Porto Alegre, eram os de fornecer assistência jurídica aos seus filiados contra a perseguição policial, patrocinar cerimônias religiosas coletivas, organizar eventos de divulgação da religião e, na medida do possível, impor alguma regulamentação sobre as práticas rituais e doutrinárias através da administração de cursos e da fiscalização das atividades dos terreiros filiados.

No Segundo Congresso de Umbanda, ocorrido no Rio de Janeiro em 1961, o potencial de crescimento da religião evidenciou-se pela quantidade de devotos que, aos milhares, lotaram o estádio do Maracanãzinho, com representantes de dez estados brasileiros e com a presença de políticos municipais e estaduais.

Foi na década de 1960 que a umbanda, já com amplas bases e aproveitando-se de suas alianças políticas, pôde ampliar sua organização e legitimação perante a sociedade. Embora não tivesse uma posição política muito clara, a umbanda soube, por exemplo, aproveitar a seu favor o clientelismo eleitoral e posteriormente, em 1964, o antagonismo do regime militar contra os setores radicais da Igreja católica (principal adversária da umbanda) simpatizantes dos movimentos esquerdistas de oposição ao governo. Foi sob a ditadura militar que o registro dos centros de umbanda passou da jurisdição policial para a civil (em cartório), que a

umbanda foi reconhecida como religião no censo oficial, e que muitos dos seus feriados religiosos foram incorporados aos calendários públicos locais e nacionais, de caráter oficial.

No estado do Paraná existem cerca de 50 centros de Umbanda, sendo que Curitiba concentra a maioria deles, aproximadamente 25, aspectos sobre esta cultura serão abordados na visita a Praça Zumbi dos palmares, a inclusão de um centro de umbanda no roteiro ficou inviabilizada por motivos técnicos e de organização do tempo.

3.2 - CULTURA ORIENTAL

A Praça do Japão está localizada no bairro Água Verde, esta é uma homenagem aos imigrantes japoneses que chegaram a Curitiba em 1910. Segundo dados do consulado do Japão no Brasil, a capital paranaense possui a segunda maior comunidade japonesa do Brasil, atrás somente de São Paulo, e hoje abriga mais de 32 mil descendentes de japoneses.

O projeto da praça foi iniciado em 1958 e a praça concluída em 1962. Uma reforma, em 1993, incluiu o Portal Japonês, o Memorial da Imigração Japonesa, a Biblioteca Municipal da Praça do Japão, onde estão disponíveis publicações em japonês, a Casa de Chá, e ganhou a Casa da Cultura, onde é possível conhecer as dobraduras de papel (origami), da arte floral (ikebana) e dos poemas de três versos (hai-kais).

Em uma área arborizada de 14 mil metros quadrados, existem espalhadas pela praça 30 cerejeiras enviadas do Japão pelo império nipônico e 6 lagos artificiais nos moldes japoneses. O Buda no centro do lago marca a irmandade entre Curitiba, além de fazer memória ao budismo que é praticado por cerca de 55% dos japoneses. Buda é um título atribuído a qualquer entidade que alcance o nirvana: um estado de plenitude espiritual. O primeiro Buda foi Sidarta Gautama (480-400 a.C.), o fundador histórico do budismo.

A lanterna esculpida em pedra, foi doada pela assembléia legislativa de Hyogo, estado japonês co-irmão do Paraná, em 1979. A lanterna é um símbolo tradicional nos jardins japoneses.

Como é um local público é possível visitaçã a qualquer hora, mas para ter um conhecimento maior sobre a cultura japonesa é necessário participar das

atividades como: (cerimônia do chá, tai chi chuan, origami, soroban, mangá, zazen e biblioteca) devem-se verificar os horários das atividades. A biblioteca especializada em obras da cultura nipônica em português e japonês funciona de segunda a sexta, das 9H às 18H e aos Sábados das 9H às 13H.

Encontra-se no museu do Memorial, na Praça do Japão a Maquete do Castelo Himeji uma fortaleza feudal na cidade de Himeji, no Japão, e Patrimônios da Humanidade. É também conhecido por Castelo da Garça Branca e considerado o mais belo castelo japonês.

Inaugurado em 1996, o Palácio Hyogo é um belo exemplo da arquitetura japonesa em Curitiba, um projeto da arquiteta Cristina Sato. Nesse Palácio, o casal imperial japonês recebeu as primeiras homenagens em sua visita a Curitiba, em junho de 1997. Atualmente abriga a Câmara de Comércio e o Instituto Cultural e Científico Brasil-Japão. Possui biblioteca, auditório, sala de exposições e a uma sala com fotos e informações de Himeje, cidade japonesa irmã de Curitiba. Hyogo é o nome de uma das províncias japonesas.

RELIGIÕES CULTURA ORIENTAL

BUDISMO	ÁSIA DO SUDESTE	TIBETANO	LAMAISMO
	ÁSIA DO SUDESTE	CHINÊS	ZEN
	ÁSIA DO SUDESTE	JAPONÊS	SOKKA GAKAI
	ÁSIA DO SUDESTE		THERAVADA
HINDUÍSMO	ÁSIA DO SUDOESTE	VISHNUÍTAS	ISKCON — SOCIEDADE INTERNACIONAL PARA CONSCIÊNCIA DE KRISHNA

Tabela 3 – Aspectos das culturas orientais

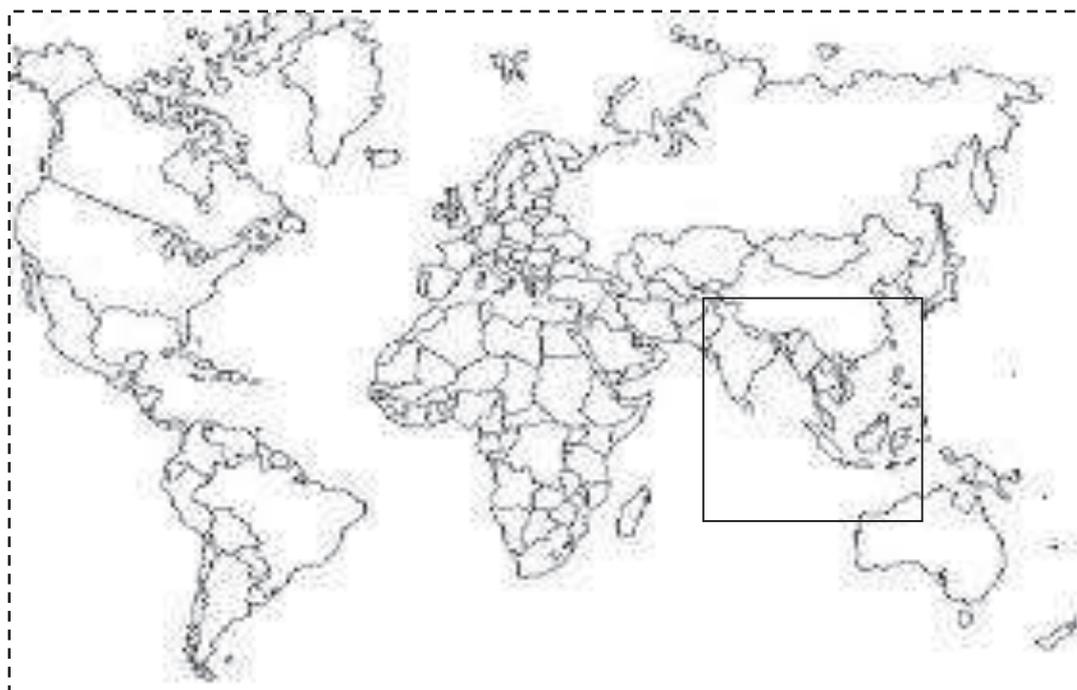


FIGURA 3 – Mapa da cultura oriental

|Cultura do Confucionismo:

Nenhum filósofo influenciou tanto o pensamento chinês quanto Kong Fu Tzi ou Mestre Kong, conhecido aqui no Ocidente como Confúcio, que em sua humildade afirmava que não ensinava nada ao povo, apenas recomendava a observação dos costumes ancestrais que estavam esquecidos em sua sociedade. Como educador Confúcio enfatizava a educação e a habilidade em vez da hereditariedade, fato comum na China do seu tempo onde os cargos públicos eram ocupados observando a hereditariedade, a partir dessa orientação os cargos públicos que constituíam a classe de administradores passaram a ser preenchidos através de um rigoroso exames de admissão onde qualquer cidadão podia se candidatar.

Confúcio percebia-se como o mediador dos reis sábios da Antiguidade. Segundo ele, a sabedoria desses reis se tornava acessível sobretudo por meio do estudo de seis textos clássicos: o Livro das Mutações, o Clássico da História, o Clássico da Poesia, os Anais da Primavera e do Outono, o Livro dos Ritos e o Clássico da Música, perdido. Acredita-se que ele tenha escrito os Anais da Primavera e do Outono e um comentário sobre o I Ching e organizado os outros livros, historicamente ele não escreveu nada sobre seu pensamento, tarefa que coube aos seus discípulos na obra os Analectos. O mestre reconhecia o livre arbítrio

dos indivíduos e ensinava: "o comandante do maior exército pode ser removido, mas a vontade da pessoa mais simples não pode ser modificada". Ele sustentava que a natureza das pessoas é semelhante, mas as experiências da vida as tornam diferentes umas das outras. "Essa característica pessoal devia ser identificada e respeitada". O Mestre também falava do Caminho, ou Tao, que permeia a todas as coisas e as conduz à sua grandiosidade inerente. No entanto, Confúcio dizia que eram os humanos que faziam o Tao ser grande, e não o Tao que fazia os humanos grandes. O respeito pelos pais e o cultivo da virtude eram seus mais importantes preceitos. Ele dizia que poderia até mesmo viver entre os bárbaros, pois a virtude nunca está só e sempre traz bons vizinhos. A seguir reproduzimos fragmentos do pensamento do mestre Confúcio:

Cultura do Taoísmo:

Os textos fundamentais do taoísmo, o Tao Te King; o Zhuangzi, marcaram tanto o pensamento chinês, quanto os textos confucionistas, a sua preocupação também é a ética, eles orientam a busca do caminho para encontrar a harmonia de vida a qual pressupõe a interação do tao na existência e a agir em comum acordo com ele. A religião do taoísmo tem uma vasta coleção de textos, com mais de mil obras e compreende tratados sobre temas diversos como: rituais, alquimia, exorcismo, vida de pessoas nobres e revelações.

Cultura do Hinduísmo

A religião indiana possui um vasto corpus de literatura sagrada. Embora atualmente a maioria desses textos esteja disponível em forma de livros, nem sempre foi assim, de modo que durante milhares de anos a revelação hindu atravessou as gerações transmitida oralmente. A escritura sagrada da religião indiana tem livros considerados revelados, que são os Vedas, e livros de revelações secundárias, mas que detêm uma grande reverência dentro da Índia, que são os brahmanas, que contém comentários sobre o significado dos versos e explicam como deve ser feito o sacrifício; os aranyakas, ou "tratados da floresta"; e os Upanishades, "escrituras secretas".

Deus – um dos equívocos mais divulgado é que a religião Indiana é politeísta, na Índia os nomes divinos podem ser incontáveis, mas são todos compreendidos como expressões de Brahman, o aspecto impessoal e onipenetrante do Supremo, a alma do mundo. Brahman não tem corpo, nem forma ele está presente em tudo, as

divindades são apenas caminhos que conduzem ao contato com o Absoluto. Brahman é a origem, a causa e a base de toda a existência, Ele é o puro ser (sat), a pura inteligência (cit), e a pura delícia (ananda), Ele se manifesta na forma de trimurti (trindade), onde o poder de criar pertence a Brahma, o poder da preservação e continuidade da criação pertence a Vishnu, e o poder da renovação, da destruição dos elementos que impedem a vida de ser vivida em sua plenitude, as travas que impedem o movimento, a dança cósmica, pertence a Shiva.

A criação - em sânscrito, criação é sarga ou srsti, que literalmente significa fazer brotar ou emitir, que para nossa compreensão ocidental é correto traduzir por emanção, pois periodicamente Brahman emite periodicamente o universo e o dissolve em si mesmo, assim se desenrola a sucessão sem começo nem fim dos dias e das noites cósmicas, fases da manifestação do universo conhecida como kalpa (ajustar) e pralaya (dissolução). Para a religião Indiana existe uma dança cósmica, a vida é movimento que irá gerar a compreensão das Yugas (as idades do mundo) que se dividem em quatro períodos conhecidos como, krtayuga (idade de ouro), treta yuga (idade de prata), dvâparayuga (idade de cobre) e kaliyuga (idade de ferro), estas idades assinalam um afastamento progressivo da humanidade dos aspectos da espiritualidade e um aprisionamento às paixões, atualmente estamos na kaliyuga a idade sombria por excelência, a era do relaxamento dos costumes, da deterioração das instituições e do desequilíbrio da harmonia da natureza, esta era é marcada pelo agravamento constante da miséria material e espiritual e por um crescimento constante de pessoas bestificadas em detrimento dos bons, quando o tempo for propício, Vishnu (o preservador) irá restaurar a era da krtayuga e um novo ciclo irá começar.

O homem – O homem é criação de Deus, ele é criado simples e ignorante e terá que buscar em vida o conhecimento necessário para sair dessa condição, a grande meta é atingir a moksha, a emancipação a libertação do ciclo de samsara, um ciclo de nascimento, vida, morte e renascimento, esse ciclo aprisiona o homem numa roda nada agradável, por isso a moksha é a meta a ser atingida. O desejo de liberdade é espiritual e consiste em libertar-se da ignorância (avidya) que amarra o homem ao ciclo de samsara. A libertação ocorre quando o conhecimento substitui a ignorância, que é compreender a realidade como algo transitório e ilusório que aprisiona o homem ao mal tornando refém do corpo físico fonte dos apetites, das iras, das paixões e da ilusão do apego, o homem religioso, que segue os preceitos

religiosos, deve ser desapegado de tudo. A religião Indiana aponta 4 estágios de vida para o homem que busca a transformação de vida, o primeiro estágio é o do estudante brahmacârin ou praticante do brahman. Começa por volta dos oito-doze anos é observado apenas pelas crianças do sexo masculino pertencentes às três castas superiores. Após uma cerimônia de iniciação (a upanayana), a criança deixa a sua família de origem e vai viver com o seu guru, onde recebe uma educação religiosa e profana, vivendo uma vida de renúncias, obediência ao guru e castidade rigorosa. Por volta dos 24 anos, regressa à sua família para que esta se ocupe do seu casamento. O segundo estágio é o de chefe de família ou grhastha, considerado a base deste sistema. O chefe de família exerce um ofício compatível com seu estatuto religioso de casta e tem o pleno direito, dentro dos limites do dharma, de se consagrar ao kâma e ao artha. Quando seus filhos estão criados e educados, sabe que é hora do terceiro estágio, é o estágio de ermitão da floresta (vânaprastha – aquele que se retira para refletir), é um estágio de transição por isso é mais teórico, funcionando como uma preparação para o quarto estágio. O quarto estágio é de sannyâsin – o que renuncia ao mundo, isto é, renunciante por inteiro, errante anônimo, exclusivamente em busca da libertação. Conserva os seus fogos rituais, alimenta-se de frutos e raízes, pratica o tapas e a meditação.

As doutrinas religiosas da Índia não falam em paraísos e infernos definitivos, eles são transitórios na caminhada da busca da libertação final, os homens encarnam e reencarnam através de uma infinidade de vidas, até a libertação final que muitos chamam de Nirvana.

O Veda que significa saber ou conhecimento sagrado, também conhecido como revelação - SHRUTI ou sruti – audição, porque é considerado ter sido como que exalado pelo absoluto - o Brahman no começo do mundo, mais exatamente, por ocasião de cada re-criação do mundo e captado ou recebido por certos sábios ou rsi, que os transmitiram de geração em geração até nossos dias, pela via exclusivamente oral. Para alguns, os Vedas foram revelados por Deus, enquanto outros acreditam que não tiveram origem divina nem humana, mas que são eternos.. A função básica dos Vedas é ritualística

O Veda compreende quatro categorias conhecidas como samhitâ, ou coletâneas, que devem ter tomado a forma atual entre os séculos XV e X antes da era cristã. O Veda reúne os livros: Rig; Yajur; Sama e Atharva.

rig-veda veda das estrofes, coleção de hinos sânscritos. Contém 1.028 – kuktas - cantos ou hinos, distribuídos em 10 livros. Data provavelmente do segundo milênio aec, e é conhecido como o veda das estrofes.

Yajur- veda veda das fórmulas do sacrifício. Manual para orientação dos sacerdotes na realização dos sacrifícios. Estão reunidos em duas coleções: Taittiriya o Yajurveda preto e Vājasaney ou Yajurveda branco. A diferença entre eles é que o negro é mais difícil de ser lido, existindo em meio as suas preces, alguns comentários, explicações ou interpretações, dificultando a leitura. Ambos possuem aproximadamente 3.000 estrofes ou linhas de prosa.

Sâma-veda veda das melodias, das canções sagradas. Conjunto de hinos tomados em parte do rigveda, transpostos e reorganizados para servir às exigências litúrgicas. Possui aproximadamente 2.000 estrofes.

Atharva-veda também conhecido como Brama Veda, guia do sacerdote na liturgia. Hino religioso recitado durante os sacrifícios, composto de 760 partes e aproximadamente 6.000 estrofes.

Brahmanas são textos contendo instruções rituais detalhadas, como se fossem manuais para serem seguidos pelos sacerdotes. São manuais que descrevem as modalidades dos sacrifícios e explicam o seu mecanismo retributivo.

Aranyakas são textos filosóficos conhecidos como os textos das florestas. Foram compilados por sábios que viveram nas florestas. Suas doutrinas dão ênfase ao Eu, sujeito do sacrifício, e não à realização dos rituais propriamente ditos. Segundo esses textos, os deuses estão na consciência do indivíduo. É no interior do homem, no seu Eu, onde estão os deuses e a verdade. É na interiorização dos sacrifícios que devem ser endereçadas as oferendas aos deuses.

Upanishads - Upa = perto; Ni = em baixo; Shad = sentado – porque os devotos que recebiam os ensinamentos sentavam-se ao pé dos pregadores.

São textos filosóficos considerados por alguns como esotéricos, abordando questões sobre a natureza do Absoluto, sobre a origem, destino e essência do homem.

Os 108 Upanishades são textos muito importantes, pois inspiraram muitas escolas filosóficas hindus em séculos posteriores. Apesar de ser muito difícil datá-los, é provável que os 11 Upanishades principais tenham sido compostos por volta de 800 AEC, e alguns textos importantes mais tarde (entre os séculos II AEC e II EC) como, por exemplo, o Svetasvatara.

Sutras são textos quase sempre pequenos e muito resumidos e versam sobre assuntos diversos, como por exemplo: gramática, tratados de astronomia e astrologia, manuais de geometria, arquitetura, leis éticas e sociais.

Os sutras por serem demasiado breves, para serem compreendidos precisavam de comentários. A produção dos comentários levou, por um lado, a uma tradição de interpretação, e, por outro a várias variantes na interpretação.

Mahabharata é o maior épico do mundo, a mais longa epopéia da literatura universal, possuindo mais de 100.000 versos. O tema central do poema é o dharma, especialmente o dharma da realeza. Este épico descreve uma batalha ocorrida no campo de kurukshetra. A guerra civil de que nos fala precipita a quarta era, a era da desintegração final e da desonestidade, a kalyuga.

Os épicos apontam mais para a perene luta entre o bem, o mal e o caos nos assuntos humanos. Dão uma garantia de que a ordem prevalecerá e de que existe um caminho por entre os pântanos das dúvidas e das interrogações. A tese básica dos épicos, é a de que a história está dividida em ciclos. No começo do mundo existe a integridade e a ordem (dharma). A seguir, porém, e durante as quatro eras tudo se deteriora, até os deuses decidirem destruir o mundo e começá-lo de novo. Os poemas indicam a necessidade de descobrir significado e propósito, mesmo nos períodos de desordem.

O ponto mais alto do Mahabharata é a seção intitulada BHAGAVAD GÎTÂ (O canto do Senhor ou canto dos bem aventurados), na qual Arjuna se mostra hesitante em entrar na batalha contra seus amigos e parentes. Entra em diálogo com o condutor do seu carro de guerra, que não é outro senão Krishna, a oitava encarnação de Vishnu, que o convence a dar a ordem de batalha contra a família Kuru. Krishna argumenta que a morte não destrói a alma, e um homem deve cumprir o seu dever de acordo com a sua classe. Cumprir um dever não implica culpabilidade, se o dever for feito com um espírito de desinteresse. Krishna salienta que o conhecimento, o trabalho e a devoção são todos caminhos para a salvação. Pela devoção a si próprio (em quem o impessoal Brahman se transforma num deus pessoal e de amor), Arjuna pode libertar-se das suas dúvidas e de tudo o que o prende.

O BhagavadGita salienta que a salvação é acessível a todas as pessoas: as distinções de classe não são uma barreira, mas um caminho para garantir a salvação.

Ramayana é outro poema épico de grande importância na Índia. Possui 24.000 pares de versos, tendo sido redigido no século III a.C. Trata da história do rei Rama, um príncipe de Ayodhya que foi forçado a se exilar devido a um complô tramado pela própria madrasta. Enquanto o príncipe está no exílio, a sua esposa Sita é seqüestrada pelo demônio Ravana e levada para o Sri Lanka. Com a ajuda de um exército de macacos, Rama recupera a mulher e novamente torna-se rei. Rama é a personificação da honestidade, e é considerado uma das dez encarnações de Vishnu. Assim como o Mahabharata, o Ramayana é uma história sobre o dharma e o triunfo deste sobre o adharma, do bem sobre o mal, e da ordem sobre o caos. É uma narrativa muito popular, recontada em muitas versões diferentes.

Puranas significa antigüidade. Esses textos contêm, de modo prolixo, ensinamentos mitológicos, lendas, genealogia de deuses, informações sobre peregrinações e elementos sobre práticas espirituais. Neles, encontramos as biografias de Shiva, Krishna, Vishnu.

Tantras são textos recentes, escritos após o século VI d.C. Dentre eles distinguem-se aqueles considerados Shivaístas, conhecidos como coletâneas e os Vishnuístas, denominados Agamas ou tradições, assim como os Tantras propriamente ditos. Esses textos possuem rituais diversos como: métodos para despertar os chacras; para adquirir poderes paranormais (siddhis); para alterar a consciência; além de elementos éticos e doutrinários. O tantrismo é uma forma de expressão religiosa saturada de aspectos esotéricos, onde se desenvolveu um verdadeiro vocabulário oculto, cujos ensinamentos são mantidos pelos Passus.

Budismo:

Logo após a morte de Sidarta o primeiro Buda, seus discípulos organizaram o primeiro Concílio Budista, com o objetivo de confirmar e preservar seus ensinamentos, este concílio estabeleceu regras para a memorização e recitação que permitiriam a transmissão oral dos ensinamentos por quase 5 séculos, antes deles serem escritos.

Devido a essa antiga prática da transmissão oral, o budismo não tem somente um cânone de escritos. Escolas e tradições diferentes consideram corretas diversas compilações de textos, que representam as várias formas de compreensão do dharma ao longo das eras. O cânone páli da tradição teravada contém muito material dos primórdios da tradição oral, junto com textos possivelmente compostos no século II a.C. Os cânones chinês e tibetano incluem extenso acervo de literatura

maiana de meados do século XII d.C. Mesmo quando um cânone está concluído (como o cânone páli), seu conteúdo pode existir em versões diferentes. Por exemplo, algumas versões em birmanês do cânone páli não são canônicas para os budistas do Sri Lanka.

O cesto de flores do vinaya, ou «disciplina monástica», reúne o conjunto das regras disciplinares que os membros da comunidade búdica devem seguir e cuja transgressão deve ser objeto de uma confissão ou de uma penitência. Cada uma das regras está embasada num caso específico e é atribuída ao próprio Buda.

O cesto de flores do Sutta-Pitaka agrupa os ensinamentos do próprio Buda tais como são relatados por Ananda. Cada qual pronunciado em lugares determinados e para determinado público, sendo que um sutta (sânscrito sūtra, "fio") desfia as palavras de Buda como num rosário de pérolas com lógica interna. Este cesto de flores está por sua vez dividido em subgrupos. Os primeiros quatro, chamados nikāya («corpus») em páli e ágama («instrução») em sânscrito, remontam sem dúvida, apesar das divergências de redação, a uma altíssima Antiguidade; são o que há de mais próximo do ensino real do Sâkyamuni histórico.

O cesto de flores do Abhidharma-Pitaka (páli: abhidamma), ou «elaboração sobre o ensino do Buda». Remonta a textos do séc. II a.C, que tentam ordenar sistematicamente e categorizar as doutrinas de Buda. A palavra abhidharma é às vezes traduzida, de uma forma um pouco enganadora, por «metafísica», trata-se na realidade de uma ordenação escolástica do ensino do Buda com longos desenvolvimentos dialéticos. Apesar da sua pretensa canonicidade, os Abhidharma são produções de escola e só artificialmente se ligam ao Buda e aos seus discípulos contemporâneos. Como se vê, a própria noção de «Triplo Cesto de Flores» é relativamente antiga, mas abrange realidades bastante diferentes, e até às vezes incompatíveis.

A implantação do budismo japonês no Brasil deu-se com a vinda e chegada dos imigrantes japoneses ao país. Primeiramente houve a requisição, por parte da comunidade nipônica local, de monges, ou seja, os monges foram enviados ao Brasil por um pedido dos próprios colonizadores. Assim, o budismo japonês começou a partir do século XX e a partir de 1950 chegaram os monges requisitados. Atualmente ocorre a divulgação do budismo na internet, antigamente não havia divulgação porque não se tinha o interesse em divulgá-lo.

Os rituais fúnebres são padronizados e os praticantes costumam manter a tradição de cremar os mortos. As cinzas do falecido são mantidas dentro de casa e muito provavelmente ficam em cima de um altar específico – chamado Butsodan – para lembrar os antepassados. Acendessem velas, incensos. Os nomes dos mortos são escritos em lâminas verticais de madeira e ficam em cima do altar.

Para o budismo japonês nada é fixo ou duradouro. Também não está presente a idéia de alma. Há o karma, a ação, o contínuo mental e este dará origem a uma nova forma, a uma nova “embalagem” que dependerá exclusivamente dos nossos próprios atos. Assim, pode-se renascer (e não reencarnar) em qualquer espécie. Parar-se-á com os ciclos de renascimentos quando se atingir o Nirvana (espécie de libertação do corpo físico e do mundo material).

Por uma questão de higiene, retiram-se os sapatos, desta forma preserva-se o tatame limpo. Os monges vestem-se de preto, mas não há uma cor que seja sagrada. Os praticantes se vestem com roupas de cores sóbrias, neutras e escuras, evitando-se jeans, bermudas, saias ou decotes. Não há necessidade de colocar a sua melhor roupa para ir ao templo e sim a utilização de uma roupa adequada e confortável para que se possa meditar. Assim, evita-se o uso de perfumes durante a meditação para que não desperte sensações ou emoções (agradáveis ou não). As regras com relação a vestimenta é só em local de prática.

As cerimônias ocorrem com simplicidade e muito respeito, pois no budismo japonês tudo é sagrado. No altar encontra-se apenas a imagem do Buda Sakyamoni, velas, incenso, flores e a água que é sagrada. Tem-se a leitura de Sutras específicos. Sutras são os discursos do Buda Sakyamoni. Os princípios morais são pilares e servem para frear os impulsos corpóreos para não causar malefícios aos outros e para nós mesmos.

As flores representam a vida, as velas a sabedoria, a luz, a água a pureza e a imagem do Buda serve de exemplo e de espelho aos praticantes, pois mostra-se que o verdadeiro Buda somos nós. Um fato curioso é que não há celibato para os monges e nem castidade. Também é permitido o casamento inter-religioso e caso se queira ser um praticante do budismo, basta simplesmente ir ao templo e começar a meditar. Em seguida estudar-se-á Sutras. E bater o sino tem a função de mostrar o início e fim das atividades.

Tudo é sagrado. A prática é pessoal e valoriza-se e respeita-se o bom senso e o equilíbrio. Não há distinção de pessoas nem preconceitos (exemplo: condições

financeiras, opção sexual ou qualquer tipo de deficiência física). As mulheres podem ser monjas.

No Brasil o trabalho social é limitado por causa do número reduzido de praticantes. Contudo, no Japão (em que o Budismo e o Xintoísmo são as religiões nacionais) o trabalho social é muito grande. Há escolas, creches, hospitais.

Um fato muito interessante é que no budismo japonês (diferentemente de tantas religiões) não há conversas, há apenas há prática, pois é um compromisso pessoal em que nada é imposto, ou seja, o interesse é pessoal. Assim, é a pessoa que corre atrás do budismo e não o budismo que corre atrás da pessoa.

Não há proibições em relação há alimentação. Evitam-se carnes e bebidas alcoólicas, mas não é proibido. Cabe a cada um perceber pelo seu próprio bom senso o seu limite. Evita-se qualquer tipo de excesso, pois busca-se o meio termo (o caminho do meio). E como tudo é sagrado, não ocorre o desperdício de alimentos. Eles têm o costume de beber chá, pois este líquido também é utilizado para lavar o conjunto de tigelas de comida com o intuito de se retirar o resíduo de amido.

No budismo japonês o Hanamatsuri – festa das flores que representa o nascimento do Buda Sakyamoni – festeja-se anualmente no dia oito de abril. Costumam dar atenção aos doentes e fazer cerimônia para os falecidos. Faz-se uma breve cerimônia quinze minutos antes e quinze minutos depois da meia noite na virada do ano novo.

No templo utilizam-se determinadas posturas para a meditação, desta forma pode-se, mais facilmente, prestar atenção na respiração. No budismo japonês não há o conceito de Deus. Tudo surge a partir da mente. Desta maneira você é o criador e a criatura.

3.3 - CULTURA OCIDENTAL/MONOTEÍSTA

Dois espaços de Curitiba representam as tradições monoteístas que ajudaram a formar a cultura ocidental: Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz e a Mesquita Iman Ali Ibn Abi Talib.

A Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz, também conhecida como Catedral Metropolitana de Curitiba é um dos maiores importantes patrimônios culturais da cidade. Localizada na Praça Tiradentes (Rua Barão do Cerro Azul, 31 – Centro, foi construída de 1876 a 1893, em estilo neogótico, inspirada na Igreja da Sé

de Barcelona, segundo o projeto do arquiteto francês Alphone de Plas, com pequenas modificações feitas pelo engenheiro Giovani Lazzarini, responsável pela execução da obra.

O amplo interior da Catedral contém pontos de altura vertiginosa, paredes em que cabem três andares de vitrais coloridos. As pinturas existentes são dos artistas italianos Carlos e Anacleto Garbaccio. Além de abrigar uma imagem reproduzida de Nossa Senhora da Luz, há vitrais doados por famílias tradicionais de Curitiba e móveis e púlpito em alto relevo, entalhados em imbuía. O presbitério e o altar mor sofreram alterações, sendo atualmente de mármore.

A Catedral de Curitiba ocupa o mesmo local da antiga matriz construída em 1720, que por sua vez sucedeu a capela de pau a pique edificada em 1668, sob a denominação de Igreja de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais. Em 1947 foi construído um anexo. Esta ampliação impede que o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reconheça a Catedral como patrimônio histórico. Por outro lado, é tida como Unidade de Interesse de Preservação do município.

Várias celebrações ocorrem na Catedral Basílica, como as missas diárias, em vários horários. Além disso, algumas programações marcam o calendário litúrgico da Catedral, dentre elas estão às missas de Páscoa, Corpus Christi, a Festa da Luz, que ocorre no início de setembro em homenagem à Padroeira de Curitiba, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, além das missas de Natal.

Além dos fiéis que freqüentam o local, muitas pessoas que se deslocam para o trabalho ou dele retornam e que passam defronte à Basílica, não resistem e entram, nem que seja para a genuflexão ou para acender velas votivas. Em data comemorativa do Natal, um presépio é montado no local e muitas luzes e enfeites decoram a igreja.

Desde 1987 a Catedral conta com um Coral que foi fundado por voluntários paroquianos e composto por 40 cantores amadores, sendo divididos em naipes de sopranos, contraltos, tenores e baixos. O repertório do Coral é de formação Sacro-Litúrgica, cantado em latim e outros idiomas. As apresentações do Coral se fazem nas celebrações litúrgicas da Catedral e de outras Paróquias, quando solicitadas. O Coral participa, também, de vários eventos, tais como: Bodas, Casamentos, Concertos, Encontros de Corais, Festivais de Música e Formaturas.

A Mesquita Iman Ali Ibn Abi Talib foi Construída em 1972, a mesquita levou dois anos para ficar pronta, e foi projetada por um arquiteto cristão de origem árabe, chamado KamalDadiv Curi.

O nome conferido à Mesquita de Curitiba consiste numa homenagem feita pela comunidade muçulmana da cidade a uma das mais importantes personalidades da história islâmica. O Imam (Guia Espiritual) Ali Ibn (filho de) Abi Talib, que era primo e genro do Profeta Muhammad (Maomé) e que foi o grande conselheiro espiritual, político e militar de Abu Bakr, Omar e Othman, os três primeiros califas após o falecimento do Profeta, tornando-se ele próprio o quarto califa.

Erguida no característico estilo arquitetônico islâmico, a mesquita possui uma cúpula central, ladeada por duas torres, denominadas 'minaretas' (do árabe, 'manar', que significa torre) voltadas em direção à cidade sagrada de Meca, conforme determinam as prescrições religiosas. A fachada apresenta vários elementos da cultura árabe. No interior, há um anfiteatro, escritórios e biblioteca. A decoração interna é feita por azulejos ornamentais, legítimos tapetes persas e quadros cedidos pela própria comunidade muçulmana e empresários árabes de Curitiba e até de outros países, como da República Islâmica do Irã. decoração conta com tapetes feitos a mão, azulejos ornamentais e quadros doados pela própria comunidade muçulmana. Na parte de trás, um belo jardim completa a arquitetura do terreno.

No interior do amplo recinto frontal da Mesquita, a comunidade muçulmana da capital paranaense realiza seus cultos, especialmente as Orações de Sexta-Feira ao meio-dia, que, obrigatoriamente, devem ser feitas de maneira coletiva. No local são feitas, ainda, as seções de súplica, que ocorrem regularmente nas noites de quarta e quinta-feira, em torno das 20 horas.

As orações do meio-dia e do poente ocorrem respectivamente às 12h30m e 19h das segundas, terças, quartas e quintas-feiras, bem como aos sábados.

Nas sextas-feiras, entre 12h30 e 13h30 são proferidas as homilias (uma espécie de diálogo entre Deus e a comunidade, por meio das escrituras sagradas) durante o culto. Neste dia, os muçulmanos devem se reunir, obrigatoriamente, para rezar em comunidade. O Sheike profere as palavras em árabe, traduzindo para o português algumas partes. Em boletins, distribuídos durante o culto, são publicadas as traduções completas da homilia, uma forma de democratizar o ensino do teólogo. O que ficou sem tradução durante o culto, é publicado, dois dias depois, em boletins

para que a comunidade possa ter total acesso ao significado das preces, uma forma de democratizar o ensino do teólogo.

O templo é aberto à visitação para o público não islâmico e é frequentado por membros de grupos diferenciados do islamismo em um mesmo culto, como sunitas e xiitas.

Há duas recomendações na entrada do templo: é necessário tirar os sapatos e, no caso das mulheres, cobrir gentilmente a cabeça com um véu, que é emprestado para aquelas que não trouxeram e varia de tamanho de acordo com a roupa que esteja vestindo. Via de regra, se as mulheres estiverem de minissaia, bermuda, blusa sem mangas ou roupa justa, receberão um túnica para cobrir o corpo.

RELIGIÕES CULTURA OCIDENTAL

CRISTIANISMO	ORIENTE MÉDIO	CATÓLICO ORTODOXO	IGREJA CATÓLICA ANTIOQUINA	ORTODOXA
CRISTIANISMO	EUROPA OCIDENTAL	CATÓLICO ROMANO	IGREJA CATÓLICA ROMANA	
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO SUL	CATÓLICA BRASILEIRA	IGREJA CATÓLICA BRASILEIRA	APÓSTÓLICA
CRISTIANISMO				
CRISTIANISMO	EUROPA OCIDENTAL	PROTESTANTE	IGREJA LUTERANA	
CRISTIANISMO	EUROPA OCIDENTAL	PROTESTANTE	IGREJA PRESBITERIANA	
CRISTIANISMO	EUROPA OCIDENTAL - AMÉRICA DO NORTE	PROTESTANTE	IGREJA BATISTA	
CRISTIANISMO	EUROPA OCIDENTAL	PROTESTANTE	IGREJA MENONITA	
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO NORTE	PROTESTANTE	IGREJA ADVENTISTA	
CRISTIANISMO				
CRISTIANISMO	EUROPA OCIDENTAL	ANGLICANA	IGREJA ANGLICANA	
CRISTIANISMO	EUROPA OCIDENTAL	ANGLICANA	IGREJA METODISTA	
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO NORTE	TESTEMUNHAS DE JEOVÁ		
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO NORTE	IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS(MÓRMONS)		
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO NORTE	PENTECOSTAIS	IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO NORTE	PENTECOSTAIS	CONGREGAÇÃO CRISTÃ	

CRISTIANISMO	AMÉRICA DO SUL	PENTECOSTAIS	ASSEMBLÉIA DE DEUS
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO SUL	PENTECOSTAIS	O BRASIL PARA CRISTO
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO SUL	PENTECOSTAIS	DEUS É AMOR
CRISTIANISMO	AMÉRICA DO SUL	PENTECOSTAIS	IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS
ESPIRITISMO	EUROPA OCIDENTAL	KARDECISTA	
ISLAMISMO	ORIENTE MÉDIO	SUNIS	
ISLAMISMO	ORIENTE MÉDIO	SHIIS	
FÉ BAHÁ'Í	ORIENTE MÉDIO		FÉ BAHÁ'Í
JUDAÍSMO	ORIENTE MÉDIO	ORTODOXOS	
JUDAÍSMO	ORIENTE MÉDIO	LIBERAIS	

TABELA 4 – Aspectos da cultura ocidental

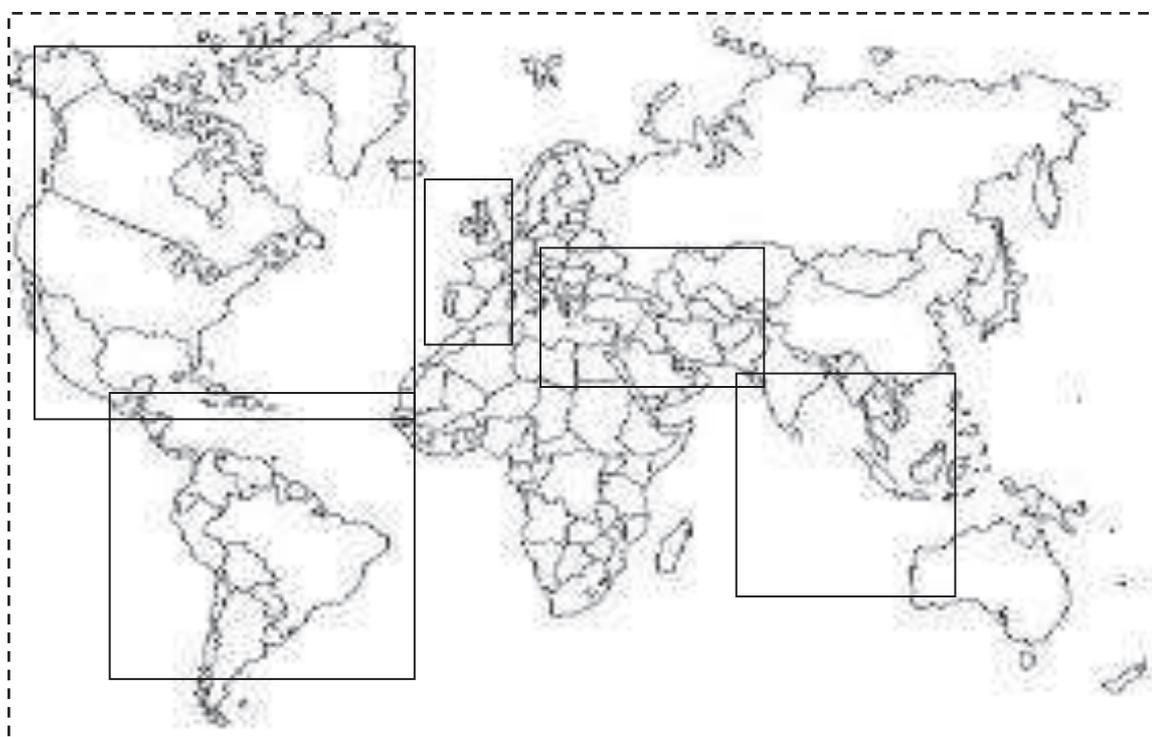


FIGURA 4 – Mapa da cultura religiosa ocidental

Cultura do Judaísmo

A doutrina do Judaísmo se apóia em três pilares, a Torá, o culto divino e as obras de caridade, a doutrina judaica é relativamente simples e compreensível, o rabino Solomon Shechter expressa essa simplicidade ao afirmar: “Com Deus como realidade, com a revelação como um fato, com a Torá como regra de vida, e com a esperança da salvação como expectativa maior, os fé”. Apesar de Solomon ter feito uma bela análise existe uma profissão de fé que é a Shemah que acompanha um judeu por toda a sua vida: “Ouve, Israel, o Eterno, nosso Deus, o Eterno é um só” O Shemah ao pregar o monoteísmo, une adoração, piedade, amor ao próximo e justiça facilitando a compreensão e conseqüente vivencia da doutrina.

Cultura do Cristianismo

A doutrina cristã é toda centrada na fé em Jesus Cristo o verbo encarnado no meio da humanidade, que superou a morte e o sofrimento. A doutrina cristã pode ser resumida nas palavras de Jesus “amaí-vos uns aos outros...”, O mandamento supremo do amor conduz ao pleno reconhecimento da dignidade de cada homem, criado à imagem de Deus. Dessa dignidade decorrem direitos e deveres naturais. À luz da imagem de Deus, a liberdade, prerrogativa essencial da pessoa humana, manifesta-se em toda a sua profundidade. A trindade, a escatologia e os sacramentos se apoiam neste mandamento, a fé cristã vive em vistas do futuro, na esperança de que no fim dos tempos todo sofrimento será superado e toda a humanidade participará do Reino de Deus. Entender a escatologia cristã é apreender o cerne da sua doutrina.

Cristianismo - Ortodoxo

Em 1904 foi construída em São Paulo a primeira Igreja, ao tempo do Arquimandrita Silvestros As-Seghir , a de Nossa Senhora, à rua Cavaleiro Basílio Jafet, nº 115 - então rua Itobi. A construção foi custeada por Michel Assad e a missa de inauguração foi celebrada pelo Cônego Nicola Sáfadi . Mais tarde o sino dessa igreja, a título de relíquia, foi transferido para a Catedral, onde se encontra exposto até hoje. Está à esquerda de quem entra, exposto no altar do ícone da Ceia das Bodas de Caná. Este sino tem de um lado a seguinte inscrição: "Esta Igreja pertence ao Rito Grego-Ortodoxo, foi construída por iniciativa do Conselho Administrativo Ortodoxo de São Paulo, às expensas dos Sírios e Libaneses da Colônia, em 1904" . Do outro lado diz: "Uma Cruz, e Sydow Irmão - São Paulo".

Em 1958, ainda na época do Vigário Patriarcal, o Arquimandrita Isafas Abboud, chegava ao Brasil Dom Ignatios Ferzli, assumindo o posto de Metropolita. Dom Ignátios, nascido em Zahle, Líbano, era ainda diácono em Alexandria, Egito, quando foi estudar na Academia Teológica de Constantinopla. Lá estudou com o colega grego Partênios Coinidis, que foi Patriarca-Papa de Alexandria e toda África. Sua tese de conclusão de curso foi sobre o Islamismo e Cristianismo, um estudo comparativo entre as duas religiões. Em 1939 formou-se e voltou para Alexandria, onde foi o Grande Arquimandrita. "Tudo caminhava para que eu servisse à ortodoxia no trono de São Marcos, quando, para minha surpresa, fui designado para servir ao trono de São Paulo. E minha missão se desviou para o Brasil. Se ficasse em Alexandria, teria sido o Patriarca - dizia Dom Ignátios

Falava e escrevia fluentemente árabe, inglês, francês, grego, russo, armênio e português. Era, ainda, professor de teologia, filosofia, música bizantina, música ocidental, maestro de coro e grande apreciador das letras, das artes e das ciências humanas. Por três vezes foi convidado e recusou o Patriarcado de Antioquia, mas nunca revelou o motivo. Veio a falecer em agosto de 1997 e foi substituído pelo atual Metropolita, Dom Damaskinos Mansour.

De 1.980 a 1.986 esteve a serviço no Patriarcado Antioquino em Damasco; foi orador do Patriarcado e professor em sua escola. Em 1.984 recebeu o título de Arquimandrita, por Sua Beatitude o Patriarca Ignátios IV. Foi diretor de coro e professor de Música Eclesiástica na Arquidiocese de Damasco de 1.987 a 1.991; foi ainda Vigário Arqueiepiscopal para a parte síria da Arquidiocese de Akkar.

Cultura do Islamismo

Os princípios fundamentais da fé islâmica são a unidade de Deus, que se reflete na unidade da criação, a fé nos profetas e em Maomé como o último enviado, a fé no julgamento de Deus no final dos tempos, quando a justiça será restaurada em toda a criação. Todos os conteúdos da doutrina islâmica encontra-se no Alcorão e na Suna, que indicam as condições necessárias e suficientes para ser um bom muçulmano, ou seja, a adesão e a observância dos cinco pilares do islã. Primeiro: a profissão de fé: "Não existe outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus". Segundo: a oração ritual a Salat e que segundo a tradição, deve ser rezada cinco vezes por dia: entre a aurora e o nascer do sol, imediatamente antes do meio-dia, às 16 horas, antes do pôr-do-sol e uma vez durante a noite. Pode ser rezada em

qualquer lugar, por uma só pessoa ou por um grupo e sem sacerdote. Terceiro; o jejum no mês de Ramadã é sem dúvida a mais conhecida das cinco obrigações canônicas. É geralmente apresentado como a obrigação do fiel se abster de alimento, de bebidas e relações sexuais da aurora ao pôr-do-sol, estando porém, autorizado durante a noite a seguir um regime normal, e até a conceder a si mesmo compensações, o que explica a celebridade das noites de Ramadã. O Ramadã concede a absolvição de todos os pecados cometidos antes do jejum. Quarto: a zakat ou zaka é, portanto, uma espécie de dízimo destinado a sustentar os pobres e os que têm o encargo de recolhê-lo. No islã, a zaka tem sido um fator de solidariedade e de unidade. Princípio do direito dos pobres a uma parte do patrimônio dos ricos. Quinto: a peregrinação a Meca. A peregrinação não é obrigatória, porque não é acessível a todos, especialmente do ponto de vista econômico. Ir em peregrinação à cidade santa de Meca, ao menos uma vez na vida, é o desejo mais intenso de todo muçulmano piedoso, além de uma prescrição corânica bem clara. A peregrinação é regulada por um minucioso ritual.

Cultura do Espiritismo

Alan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail), o grande codificador do Espiritismo. De 1857 a 1869 dedicou-se inteiramente ao espiritismo, fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, criou a Revista Espírita e divulgou os princípios do Espiritismo por diversos países, estimulando a criação de novos centros, escreveu as obras que fundamentam as bases da doutrina espírita, que compõem o chamado pentatêucokardequiano: O livro dos Espíritos (1857); O livro dos Médiuns (1861); O evangelho segundo o Espiritismo (1864); O Céu e o Inferno ou a justiça divina segundo o espiritismo (1865); A Gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo (1868);

Alguns princípios da doutrina do Espiritismo:

Deus – é a origem e o fim de tudo. É o criador, causa de todas as coisas.. O universo criado por Deus a partir do nada se constitui de dois elementos básicos: o espírito e a matéria. A essa dualidade corresponde de modo mais abrangente o mundo invisível “eterno e pré-existente a tudo” e o mundo visível “secundário que poderia deixar de existir ou nunca ter existido sem alterar a essência do mundo espírita”; No mundo invisível, Deus criou e cria permanentemente Espíritos imortais, atribuindo-lhes a missão de atingir a perfeição. Essa meta é alcançada ao final de

uma longa trajetória cósmica. A vida do espírito é um encadeamento de passagens do mundo invisível para o visível, de encarnações, desencarnações e reencarnações;

O Homem – É um espírito encarnado composto de três elementos: espírito/alma, corpo e perispírito. O espírito corresponde à essência imortal do indivíduo, o princípio inteligente que abriga o pensamento, à vontade e o senso moral; O espírito adquire, ao encarnar um corpo, invólucro precívél, instrumento material de ação da inteligência que nele habita. O corpo é um importante instrumento de evolução, é através dele que entramos em contato com o mundo exterior, que nos comunicamos com outros espíritos encarnados e constituímos ações carmicas. Espírito e corpo estão unidos pelo perispírito que se compõe de duas partes: uma mais grosseira que a morte destrói, libertando o espírito, e outra mais sutil que o espírito conserva. Uma das propriedades do perispírito é servir de elo de ligação entre o espírito e o corpo físico. Outra propriedade do perispírito é de funcionar como molde do corpo físico. O perispírito é constituído de matéria sutil, quintessenciada, extraída pelos espíritos do fluido universal de cada globo onde devam exercer experiências. Daí não ser da mesma consistência em todos os mundos. O espírito continua sendo o mesmo, porém o perispírito guarda as características da matéria da qual se constitui o mundo onde está encarnado. O perispírito é altamente plasmável e registra todas as emoções, a imagem e o som dos acontecimentos, gravando indelevelmente em si mesmo essas experiências.

A imortalidade da Alma – somos espíritos criados por Deus. O espírito é o princípio inteligente do Universo, criado por Deus, simples e ignorante, para evoluir e realizar-se individualmente pelos seus próprios esforços. Como espíritos já existíamos antes de nascermos e continuaremos a existir, depois da morte física. Quando o espírito está na vida do corpo, dizemos que é uma alma ou espírito encarnado. Quando nasce, dizemos que reencarnou; quando morre, que desencarnou. Desencarnado volta para o plano espiritual ou espiritualidade, de onde veio ao nascer.

Classificação dos espíritos – O livro dos espíritos classifica os espíritos em três ordens: Primeira ordem: Espíritos puros – são espíritos que já não têm influência alguma da matéria. Sua superioridade intelectual e moral é absoluta e não estão mais sujeitos à encarnação. Segunda ordem: Espíritos bons – caracterizados pelo predomínio do espírito sobre a matéria. Esses espíritos conservam quando

desencarnados traços de sua existência corpórea na linguagem e nos hábitos. São espíritos cooperadores, os guias, protetores, aqueles que nos acompanham durante a vida e nos auxiliam na execução dos trabalhos espirituais. Essa ordem subdivide-se em:

- a) Benévolos dotados de bondade e saber limitados, e cujo progresso se dá mais no sentido moral que intelectual;
- b) Sábios espíritos que progredem mais no sentido intelectual que moral;
- c) Prudentes espíritos que podem julgar com precisão os homens e as coisas;
- d) Superiores espíritos dotados de ciência, sabedoria e bondade, que encarnam na terra somente por exceção no desempenho de uma missão de progresso. São espíritos responsáveis pela vida dos povos, são os grandes guias, aqueles que desenvolvem tarefas de grande alcance no plano coletivo, responsáveis pela gravação da história dos povos. Terceira ordem: Espíritos imperfeitos – Suas características é a predominância da matéria sobre o espírito, à propensão para o mal, idéias pouco elevadas, sentimentos mais ou menos abjetos. São espíritos que ainda se encontram em estágios de profunda ignorância; são chamados de espíritos maus, isto é, pela ignorância do Bem. São os espíritos que normalmente assediam as criaturas, obsidiando-as; são os vingadores, aqueles que vêm em busca de desforra. Essa ordem subdivide-se em:

- a) impuros, quando encarnados inclinam-se a todos os vícios;
- b) os levianos, ignorantes e inseqüentes;
- c) os pseudo-sábios, que julgam saber mais do que sabem;
- d) os neutros, apegados às coisas materiais e que tendem tanto para o bem como para o mal;
- e) os batedores e perturbadores, que produzem efeitos físicos. Espíritos da Esfera Criativa – São entidades extremamente elevadas. Espíritos críticos, que têm por delegação divina a tarefa de criar formas e tipos. Mas têm, sobretudo, a capacidade da abnegação.

Reencarnação – Criado simples e ignorante, o espírito é quem decide e cria o seu próprio projeto de vida. Para isso, ele é dotado de livre arbítrio, ou seja, capacidade de escolher entre o bem e o mal. Desse modo, ele tem possibilidade de se desenvolver, evolucionar, aperfeiçoar-se, de tornar-se cada vez melhor, mais perfeito. Essa evolução requer aprendizado, e o espírito só pode alcançá-la

encarnando no mundo e reencarnando, quantas vezes necessárias, para adquirir mais conhecimentos, através das múltiplas experiências de vida.

3.4 - NOVOS GRUPOS RELIGIOSOS

Os novos grupos religiosos representam novas filosofias e crenças que surgiram e ganharam força nos últimos anos, podem ser mais antigas, mas que somente agora começaram a se apresentar no Brasil, uma dessas novas filosofias é a Ordem Rosa-cruz que se define como místico-filosófica, contudo, no decorrer da palestra introdutória, o palestrante já expõe que a Ordem “prega” a reencarnação e o Karma. Isso nos remete a alguns ensinamentos espíritas e a algumas filosofias orientais. Mas não é certo afirmar isto. Outro ponto também observado na conversa com o frater é a questão do “avanço” nos estudos, este avanço possibilitará ao iniciado um certo crescimento gradativo intelectual, físico/auto cura, espiritual e financeiro, o que remete ao que é pregado dentro da Lei da Atração.

Apesar da riqueza cultural disponível na Biblioteca, Museu e jardins, um aprofundamento maior sobre a Ordem só se pode adquirir com material disponibilizado aos membros, levando assim os interessados a se filiarem à Ordem. Quanto ao aspecto financeiro, observa-se a taxa de afiliação, monetariamente acessível ao público, que esta serve basicamente para cobrir as despesas com a impressão do material e o serviço de Correios, pois o estudo é realizado em casa. Durante a palestra é pincelada uma outra forma de manutenção do espaço, a “Lei de Amra”, algo parecido com o Dízimo não taxativo, retribuição realizada de acordo com a realidade do afiliado.

Esta Ordem também disponibiliza para comércio alguns “souvenirs”, livros, matérias que lembram a cultura egípcia e artigos específicos para os momentos de estudo, como incensos. No espaço da AMORC está localizada a gráfica da Ordem, que imprime todo o material da Língua Portuguesa, o que customiza o gasto com a produção do material de divulgação e estudo.

O espaço a ser liberado para visita de não membros é restrito; as visitas devem ser realizadas em dias de semana e em horário comercial e aos sábados entre as 14h30m e 17h, com acesso aos seguintes locais:

Biblioteca: o usuário pode realizar consulta no local a alguns títulos do acervo da Biblioteca. Também é possível acessar títulos específicos ao ensinamento da Ordem, mas esse material se restringe a um conteúdo introdutório;

Sala Egípcia: local em que é possível praticar um momento de relaxamento e meditação. O local é perfumado com a queima de incenso aromático, especial para meditação, e possui música ambiente, que motiva a introspecção. O espaço é decorado com motivos egípcios e suas cadeiras possuem pés em formato de pata, que relembram os pés da Esfinge.

Jardim: esse local faz divisa com o Parque Bacacheri. Projetado com motivos egípcios, alcança seu ápice em uma construção que representa em forma menor uma Pirâmide egípcia. Local convidativo para se realizar uma leitura de títulos mais filosóficos ou para uma conversa que exija mais atenção.

O momento introdutório ou meditação é realizado por dois membros da Ordem, que explanam primeiramente uma introdução sobre a Ordem e, através de respostas para algumas perguntas dos participantes. Logo após é realizado um momento de mística sobre um texto da Ordem, mas que apresenta familiaridade com outras denominações religiosas.

Novos movimentos religiosos

A relação entre a categoria "novos movimentos religiosos" e a ideia de comunidade é permeada por elementos extremamente interessantes para uma análise dos sentidos possíveis do conceito de comunidade em contextos religiosos variados. Quando o foco da análise sobre a noção de comunidade se dá em configurações religiosas reconhecidas como tradicionais em seus contextos nacionais específicos, na maior parte dos casos a noção de comunidade é representada positivamente, sendo a agregação comunitária uma manifestação do sucesso do projeto religioso. Na dinâmica da relação entre religião e nação, religiões tradicionais, quando operam como religiões nacionais, imbuem-se do sentido agregador da comunidade nacional. Na tensão moderna acerca da presença ou ausência do fator religioso na formação do Estado nacional, se por um lado prescreve-se à tese da secularização um projeto de nação marcado pela ausência da religião, nas formações nacionais contemporâneas, compõem-se articulações

variadas entre nações e religiões, sendo uma das resultantes possíveis a constituição de processos de nacionalização da religião e de sacralização da nação (Haupt 2008). Assim, nesses contextos específicos, projetos religiosos e projetos nacionais convergem em torno da formação da nação e da comunidade nacional.

No caso dos novos movimentos religiosos, no entanto, constroem-se totalidades complexas de valores sociais que se formulam em torno de projetos religiosos minoritários, em sua maioria transnacionais, não articulados diretamente a um projeto específico de formação da nação, e que tornam incontável a relação da comunidade religiosa com a comunidade nacional. Assim, no contexto dos novos movimentos religiosos, a idéia de uma agregação comunitária religiosa constituída por grupos minoritários aciona um elemento de risco e perigo para projetos, sejam religiosos ou não, que têm por foco a formação coesa e unitária da nação. São assim diversos os exemplos de reações contra seitas (sectes – termo mais usado em contextos francofônicos) ou cultos (cults – termo predominante em registros anglofônicos) na esfera pública nacional de diferentes países, sendo o próprio uso dessas categorias na classificação de grupos religiosos em si mesmo um uso acusatório¹.

Como alternativa à noção pública de seita ou culto e a suas marcas pejorativas, no campo dos estudos da religião estabeleceu-se a nomenclatura "novos movimentos religiosos". O termo, cunhado por Harold W. Turner (Chryssides & Wilkins 2006), articula-se, portanto, temática e historicamente, com as categorias de seita e culto (Soneira 2005). Como novos movimentos religiosos são classificados determinados movimentos surgidos nos anos 60 e 70 e que congregam um conjunto de tendências vinculadas ao que alguns autores chamam de "crise de sentido". Movimentos jovens e de contracultura, definem-se pela busca de uma "nova consciência" e caracterizam-se como grupos minoritários (Soneira 2005).

Como opção acadêmica desinvestida do tom pejorativo das demais, esse conceito traz suas próprias dificuldades. Uma delas é o impasse em se definir o nível de "novidade" implicado nestes movimentos. Percebe-se, assim, que, embora não haja unanimidade quanto a essa categoria, ela vem sendo aplicada na definição de diversos grupos e, mais especificamente, nos diferentes estudos que citam o Movimento Raeliano como uma representação do cenário religioso contemporâneo (Kan 2000; Chryssides & Wilkins 2006; Palmer 2004).

Assim pretende-se é analisar esse cenário no contexto específico do Movimento Raeliano, grupo religioso que imprime na esfera pública francesa um campo de tensões em torno do potencial agregador ou desagregador de uma seita, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, no interior dos valores e das práticas do Movimento, a noção de comunidade não se apresenta como um projeto pertinente a sua mensagem religiosa, cuja perspectiva é marcadamente individualista.

Essa análise tem por pano de fundo a tensão antissectária presente na esfera pública francesa (Hervieu-Léger 2004; Birman 2005; Giumbelli 2002) e alguns dos atores que a protagonizam: de um lado, lideranças do Movimento Raeliano Internacional, principalmente Rael, que se apresenta e é reconhecido pelos membros do grupo como profeta; e, de outro lado, reagindo ao Movimento Raeliano e a diversos outros grupos classificados como seitas, coloca-se na cena pública francesa, a Mission Interministérielle de Lutte contre les Sectes (MILCS), denunciando o perigo das seitas e desenvolvendo estratégias de proteção ao cidadão em relação a esse perigo.

Em seu estudo do movimento antisseitas na França, Birman (2005) discute a conjugação de interesses e ações integradas que reúne o governo francês, as famílias francesas e a igreja católica francesa na proteção ao cidadão e ao Estado nacional. A rejeição pelo Movimento Raeliano a um projeto comunitário unificado, em sua ampla defesa do indivíduo como cerne de seu projeto religioso, não soluciona o problema da ameaça social que dele advém para a sociedade francesa nesse cenário de tensões, mas acaba por criar uma nova dimensão de risco: o sucesso da articulação entre seitas e individualismo. Dois perigos passam então a ocupar o campo de preocupações em torno das seitas: o risco à comunidade e o risco do individualismo.

Assim propõe o contexto dos novos movimentos religiosos como um cenário privilegiado para uma compreensão complexa das tensões da relação entre religião, comunidade e a noção de indivíduo. A partir deste campo de tensões específico é interessante apontar caminhos para a formação de comunidades (Meyer 2009) que operam sob uma lógica não de incompatibilidade entre individualismo e comunalismo, mas de conjugações entre essas duas direções da vida social, não necessariamente incompatíveis ou contraditórias.

Desse modo, na análise de configurações possíveis entre o individualismo e o comunalismo no âmbito dos novos movimentos religiosos, destaca-se, no contexto específico do Movimento Raeliano, o potencial mediador dos meios de comunicação de massa no trabalho da imaginação (Appadurai 1996), ao tornar possíveis essas outras formações comunitárias. Appadurai (1996), em sua análise das solidariedades mediadas pela mídia de massa, afirma que tais comunidades, ainda que mais voláteis e menos coesas em termos de compartilhamento de valores e sentimentos comuns, são capazes de criar articulações mais complexas, reunindo experiências diversas e mesmo diferentes, possibilitando convergências de ações locais e transnacionais que de outro modo dificilmente existiriam.

Novos movimentos religiosos, seitas e o conceito de comunidade

Com a perda de hegemonia por parte do catolicismo e protestantismo sobre o campo religioso, surgiram e cresceram, como já foi afirmado acima, os Novos Movimentos Religiosos, tanto os de tradição cristã como os de origem oriental ou "selvagem". Na América Latina se expandiu, com notável rapidez, o neopentecostalismo, movimento religioso que busca encarnar a criatividade e o espírito profético, ao lado de movimentos religiosos e filosóficos oriundos de filosofias budista, hinduísta ou pagãs. Nos meios cristãos surgiu também a percepção de que o universo religioso encontra-se fortemente fragmentado, exigindo-se o diálogo com outras religiões e culturas. Aumentando-se também a preocupação com uma reflexão teológica sobre a "salvação dos não-cristãos", que se expressa num "ecumenismo integral" ou "macroecumenismo", valorizando-se a contemplação e a mística como a base na construção da visão de que a "oikoumene é de todos" .

Contudo, ao se falar sobre NMR esbarramos, antes de mais nada, em dificuldades na terminologia. Tradicionalmente, desde Weber e Troeltsch tem se usado a dicotomia "seita" e "igreja". Mas, como enquadrar todos os NMR que surgiram no Ocidente nos últimos 30 anos na categoria "seita"? Este termo somente é entendido em contraposição a "igreja", na medida em que "seita" denota cisão de um grupo minoritário por meio da contestação da ortodoxia majoritária de tipo "igreja". As "seitas", por outro lado, desenvolvem um ascetismo de negação e abandono da sociedade. São grupos que enfatizam, no dizer de Troeltsch, as

"realizações pessoais nos campos da ética e da religião, um radical companheirismo de amor, igualdade religiosa e amor fraternal, indiferença em relação à autoridade do Estado e às classes dominantes, aversão às leis técnicas e juramentos, separação entre a vida religiosa e os conflitos econômicos através do ideal da pobreza e da frugalidade.... crítica dos teólogos e guias espirituais oficiais..." É claro que uma tipologia excludente, que valorize apenas esses dois pólos, deixa de lado várias formas de expressões religiosas, principalmente as que valorizam a prática do "misticismo".

Também, ao se referir aos NMR pode-se perguntar pelo termo "novo". Em que sentido são novos tais movimentos? Não se trata de trazer à luz do presente movimentos, alguns deles tão antigos quanto a história da humanidade? Certamente eles são "novos" apenas quanto a sua presença intensa no campo religioso do mundo ocidental, há dois milênios dominado hegemonicamente pelo cristianismo em suas várias formas. Pode se perguntar também por seus aspectos religiosos, porque, alguns deles não somente recusam ser assim designados como também se apresentam como "filosofias de vida".

Mesmo com relação ao neopentecostalismo deve-se observar o seu caráter mutante quanto as suas origens protestantes e pentecostais. Isto porque ele recusa a ética herdada dos movimentos de santidade, a negação pura e simples da política e vida econômica. Privilegia rituais e práticas comuns no catolicismo rústico e popular, nas religiões mágicas e nas práticas xamânicas de antigas culturas, sincretizando tudo num modelo temperado com as aspirações de prosperidade econômica, própria das classes médias inferiores e dos excluídos de uma sociedade que pretende ser de abundância. Esse pentecostalismo perdeu também a sua vocação escatológica pre-milenista, pois, desperta em seus membros o sonho da construção de um Reino de Deus dentro das próprias fronteiras da sociedade de consumo.

Os NMR, a despeito de suas origens, teologias e práticas, apresentam algumas das características abaixo mencionadas:

Adesão através da conversão e do abandono dos antigos universos de discursos que davam sentido à vida dos indivíduos.

Exclusivismo e dogmatismo que resultam na estratégia de "donos da verdade".

Abandono da postura passiva na produção e consumo dos bens religiosos por intermédio da introdução da espontaneidade e criatividade no culto.

Ênfase na expansão contínua do movimento por meio de proselitismo.

Atitude ambígua quanto a sociedade politicamente organizada, que vai da indiferença ou hostilidade até à defesa intransigente do arranjo político-institucional vigente.

Oferta de redes de apoio emocional e calor humano às pessoas carentes de valorização numa sociedade que privilegia tão somente as conquistas materiais.

Cooptação de pessoas para "ilhas de certezas", de onde emanam rígidas categorias de pensamento e normas éticas, destinadas a eliminar as inseguranças provocadas pelo relativismo próprio da modernidade e pós-modernidade.

Se fundamentam na autoridade suprema e inquestionável de uma liderança carismática, cuja obediência permite a perda do Eu e a aceitação não-crítica de suas ordens e determinações.

Oferecem uma perspectiva "holística" de vida, eliminando a fragmentação decorrente da análise cartesiana predominante na cultura ocidental.

Permitem a combinação contínua de fragmentos de visões de mundo anteriores, dentro de uma unidade em que se relativizam as diferenças e contrastes, ofertando-se fórmulas simplistas de enquadramento e orientação dos problemas concretos da vida quotidiana.

Admite-se atualmente que os Novos Movimentos Religiosos expressam um processo de reencantamento do mundo. Também afirma-se que está em operação uma situação de "deslocamento" das certezas anteriores, um quadro cultural típico de "pós-modernidade". Assim, do esforço de se superar o individualismo, o hedonismo e as incertezas, brotam movimentos que fazem da mística a sua base comum, encontrando na devoção do sagrado a motivação para a vida. Crê-se também que o fim das utopias, que secularmente embalaram o sono profundo de multidões de pessoas, abre novos espaços para os quais a religião institucionalizada não se encontrava preparada. Outra vez os NMR buscam ocupar esses espaços, empurrando as "instituições protestantes" em direção ao passado. Resta saber até que ponto esses NMR não restabelecerão novas tiranias sobre as pessoas e conseguirão levá-las a obter um conhecimento espiritual mais profundo que as instituições cristalizadas deixaram de permitir.

As igrejas históricas se esqueceram que a experiência mística se dá através de uma articulação entre o "vertical" (significado eterno) e o "horizontal" (realização temporal desse significado) e que, ao privilegiar o horizontal (se contentando com o caráter moral, humanitário e político) elas perderam a dimensão transcendental, deixando de ser morada do "espírito protestante".

Multiplicam-se, entretanto, no mundo atual, formas de misticismos descomprometidos com a transformação do velho em novo ou do status quo. Tais misticismos não proporcionam a necessária libertação para a construção de um mundo melhor e nem podem ser considerados herdeiros do "princípio protestante". Assim, como o protestantismo histórico, esses NMR também correm o risco de se cristalizarem num dogmatismo intolerante e empedernido.

O protestantismo, como espírito de inquietação, está em todos os lugares onde se proclama o novo ser, a situação limite. Isto é, onde a criatividade se encontra a serviço da realização de utopias libertadoras. Obviamente isto não está acontecendo no interior das instituições tradicionalmente identificadas com o rótulo "protestante".

Por tudo isso que foi dito, ficou claro que os NMR ganham penetração junto as massas, por causa de seu poder de operar com símbolos, de sua criatividade que valoriza a intuição e de sua facilidade em capturar o imaginário coletivo, plasmando através desta nova mística, maneiras diversas de se perceber e interpretar o mundo cotidiano. Muitos desses elementos estão presentes nas recentes versões de pentecostalismo, batizados entre nós de neopentecostalismo.

4 – ROTEIRO “ESPAÇO SAGRADO “

O Presente roteiro foi elaborado com o propósito de destacar a inter-religiosidade apresentada em Curitiba, para isso, foram selecionados 5 espaços sagrados, que de uma maneira didática demonstra características fundamentais desses grandes grupos religiosos.

Abaixo pode-se identificar os 5 locais no mapa.



Figura 5 - Mapa estilizado de Curitiba

O roteiro propriamente dito iniciará na PUCPR e o primeiro ponto de parada será a praça Zumbi dos Palmares, num percurso de aproximadamente 9,5 km, em seguida será visitado a Praça do Japão, num percurso de aproximadamente 8,7 km, o terceiro espaço sagrado visitado será a Catedral Metropolitana de Curitiba, num percurso de mais 4,4 km, e com mais 1,2 km será alcançada a Mesquita de Curitiba, e o ultimo atrativo visitado será a ordem rosa-cruz com mais 7,7 km.

O roteiro tem previsão de duração de aproximadamente 4 horas, podendo sofrer alterações conforme o dia da semana e o horário, em função do trânsito apresentado nos trechos percorridos e a distância total percorrida será de 41,2 km, com o retorno a PUCPR.

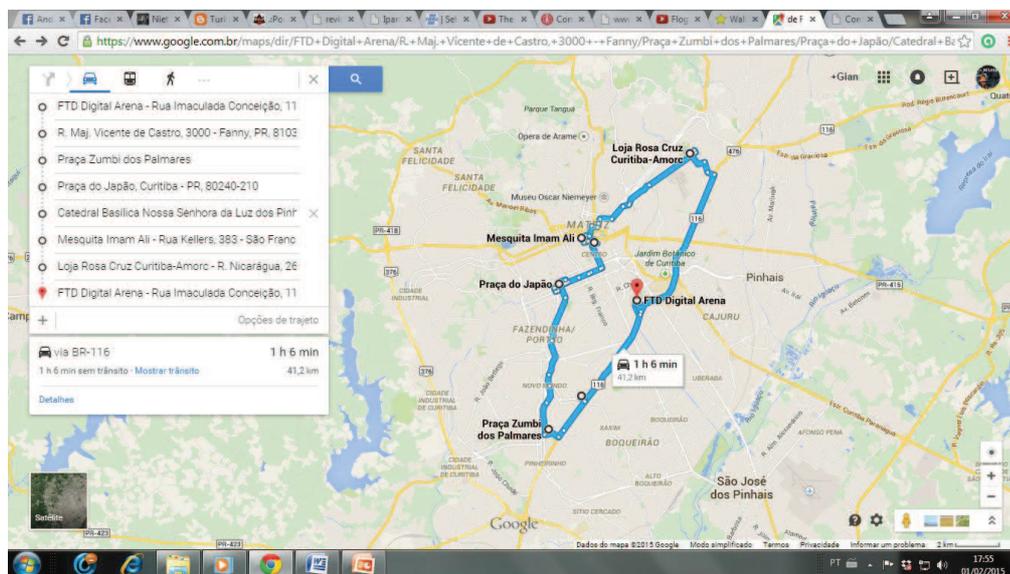


Figura 6 Roteiro detalhado

O Roteiro acima descrito se apresenta na forma de circuito, visto que possui o mesmo ponto de partida e chegada, será possível fazê-lo por diferentes meios de transporte, como ônibus, microônibus, carro, ou bicicleta.

Os cinco Espaços sagrados visitados serão :

Praça zumbi dos palmares

O Primeiro espaço sagrado visitado será a Praça Zumbi dos Palmares, representante das culturas religiosas Africana e indígena. As Características das duas culturas são baseadas na natureza, por isso esse local é bastante representativo.



Figura 7 Praça Zumbi dos Palmares

A praça Zumbi dos Palmares tem aproximadamente 21.600 metros quadrados e ganhou um grande portal na entrada principal com 54 colunas representando os países do continente, cada uma com o nome de um país, a bandeira e sua localização no continente. As descrições e desenhos foram feitos em azulejos. Fica no bairro do pinheirinho.

Praça do Japão

A praça do Japão representa a cultura religiosa oriental, culturas como o budismo, o taoísmo e o hinduísmo, as culturas orientais destacam os espaços de família e valorizam muito os templos.



Figura 8 Praça do Japão

A praça do Japão esta numa área bem arborizada de 14 mil m², no bairro de Água Verde. A praça é ua homenagem à imigração japonesa em Curitiba. O projeto

da praça foi iniciado em 1958 e a Praça concluída em 1962. Uma reforma, em 1993, incluiu o Portal Japonês e o Memorial da Imigração Japonesa.

A Praça do Japão segue as linhas tradicionais dos jardins japoneses. Possui lago de carpas, 30 cerejeiras enviadas do Japão, cerimônia de chá (às quintas).

Catedral Metropolitana de Curitiba

A catedral metropolitana de Curitiba, também chamada de Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz representa a cultura ocidental monoteísta, uma das mais, com destaque para o Cristianismo e suas representações.

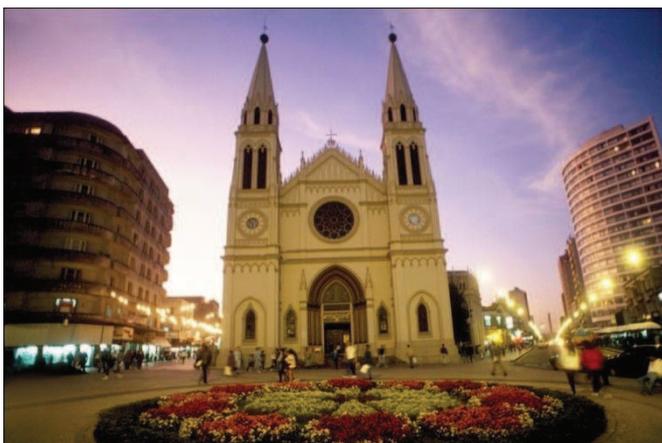


Figura 9 - Catedral Metropolitana de Curitiba

A catedral foi construída em estilo neogótico (ou gótico romano), inspirado na Catedral da Sé de Barcelona, na Espanha. As pinturas existentes são dos artistas italianos Carlos Garbaccio e Anacleto Garbaccio.

A data de sua construção é 1963 e esta localizada no centro da cidade de Curitiba.

Mesquita Imam Ali ibn Abi Tálib

A Mesquita Imam Ali ibn Abi Tálib, templo religioso da comunidade muçulmana de Curitiba, foi inaugurada em 1972. Erguida no característico estilo

arquitetônico islâmico, possui uma cúpula central, ladeada por duas torres – denominadas “minaretes” (do árabe “manar”, ou “torre”). Totalmente forrada por legítimos tapetes persas, sua construção foi orientada em direção à cidade sagrada de Meca, conforme determinam as prescrições religiosas. Na parte inferior, conta com escritórios, biblioteca e anfiteatro. Na parte de trás, possui belo jardim. Um dos destaques da mesquita é a utilização de textos no espaço sagrado



Figura 10 - Mesquita Imam Ali IbnAbi Tálíb

Ao dar à Mesquita de Curitiba o nome de “Imam Ali ibn Abi Tálíb”, a comunidade muçulmana da cidade quis homenagear uma das mais importantes personalidades da história islâmica. O Imam (Guia Espiritual) Ali ibn (filho de) Abi Tálíb era primo e genro do Profeta Muhammad (Maomé).

Ordem Rosa Cruz

A ordem rosa-cruz representa os novos movimentos religiosos e as novas filosofias, se intitula como uma cultura místico-filosófica. A Ordem Rosacruz, AMORC, é uma organização internacional, de caráter cultural, fraternal, não-sectário e não-dogmático, de homens e mulheres dedicados ao estudo e aplicação prática das leis naturais que regem o universo e a vida.



Figura 11 - Templo Rosa - Cruz

Esta localizada na bairro do Bacacheri , em Curitiba desde o ano de 1960 abrange seis prédios em arquitetura de inspiração egípcia. Inclui auditório, biblioteca especializada, espaço de arte e o Museu Egípcio, com reproduções de peças egípcias.

O roteiro intitulado “espaço sagrado” poderá ser realizado por qualquer pessoa, em diferentes meios de transporte, tem uma linguagem acessível voltado para crianças e jovens, será um elemento das disciplinas de ensino religioso da PUCPR, mas poderá também atender a diversos tipos de turistas que freqüentam a cidade de Curitiba.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do primeiro capítulo, buscou-se apresentar uma visão geral do tema que seria abordado, com destaque para os objetivos e a justificativa deste. A evidente relação entre os temas abordados, religião e turismo, foi sendo esclarecida no decorrer do trabalho.

Nos capítulos seguintes, optou-se por apresentar os temas que permeiam o objetivo central do trabalho e por isso, foi descrito sobre as questões da cultura e sua importância na nossa sociedade.

A cultura pode ser compreendida como a arte em geral e sua produção (pinturas em tela, gravuras, exposições daí demandadas, a música, os festivais de música, a literatura, por exemplo), bem como as manifestações folclóricas de maneira geral. Essas diferentes acepções trazem para esse termo a dificuldade de lidar com esse assunto. A compreensão aqui adotada não se constitui numa única por considerar que tanto a antropologia, que encontra na etnografia sua ferramenta mais acabada quanto método de estudo, quanto o materialismo histórico têm suas contribuições a dar nesse sentido.

Entende-se que a cultura encontra sua explicação mais singular nessa perspectiva. Suas particularidades só podem ser vistas, embora possa parecer redundante, a partir e dentro dela mesma. São os seus próprios sinais que a explicitam. Nas religiões a religiosidade se confunde com determinação para a prática do ritual religioso, sendo mais difícil, entendo, abstrair o estado de religiosidade. A institucionalização pode retirar da religiosidade seu componente de espontaneidade, de liberdade para cultivar. Pode-se afirmar, então, que nessas condições a religiosidade brasileira se torna diversa, também. Ela é diversa porque diversa é a cultura, o respeito a diversidade cultural sempre foi uma tônica importante do povo brasileiro. .

O que se percebe atualmente é que as manifestações religiosas se perpetuam através do acesso a informação, da mídia e do poder de operacionalizar a sua atuação,

Assim o homem afasta-se do universo dos fatos e aproxima-se do universo simbólico e desta forma passa a reconhecer o mundo pelos seus significados, portanto, tempo e espaço não são homogêneos, não há uma uniformidade, e depende dos contextos culturais e históricos e pelo modo como as religiões se

desenvolveram. Assim o espaço sagrado é influenciado pelas diferenças culturais de cada sociedade.

Com o desenvolvimento do turismo e do lazer nasceu uma preocupação em se estudar e conceituar o seu significado. Assim a concepção do lazer esta diretamente ligada ao aprendizado e a questão da compreensão cultural e das religiosidades.

A escolha pela cidade de Curitiba foi fundamental, pois ela representa diferentes culturas e religiosidades, visto que é considerada uma cidade cosmopolita, assim foram apresentados os aspectos que demonstram o objetivo deste estudo.

Os locais escolhidos buscam enaltecer no participante a importância do respeito a diversidade cultural e religiosa.

Através deste roteiro será possível sistematizar o aprendizado sobre a compreensão e influencia de cada religião na formação do localidade e dos espaços sagrados, de modo a fornecer ao participante uma visão abrangente sobre as diferentes culturas religiosas.

Por fim, a escolha dos locais para visitaçao representa a multi e inter-religiosidade de nossa cidade e acredita-se que através do conhecimento adquirido poderá ser desenvolvido uma visão mais ampla e sob diferentes perspectivas, favorecendo assim a compreensão inter-religiosa.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. História da educação, São Paulo, Moderna, 1989.
- AZZI, R. A educação católica no Brasil (1844-1944), in: S. LIMA, Caminhos novos na educação, São Paulo, FTD, 1995.
- BAHL, Miguel. Viagens e roteiros turísticos: Prottexto, 2004.
- BENI, Mario Carlos . Analise estrutural do Turismo , São Paulo, Senac, 2001.
- BEOZZO, J. História da igreja católica no Brasil, in: J. BEOZZO, Curso de verão, Vol. III, São Paulo, Paulinas, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.
- BURMANN, Claudir, Espaço e espaço sagrado. Um olhar a partir de uma comunidade luterana. Protestantismo em revista, São Leopoldo, RS, 2009.
- CAPANAGA, V; PRIETO, T.; CENTENO, A. SANTAMARTA, S.; RODRIGUEZ, H. Obras de San Agustín, Tomo IV, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1958.
- CAPANEMA, G. Projeto da Lei Orgânica do Ensino Secundário, Rio de Janeiro, Editora Mimeo, 1941.
- CASSIRER, Ernst. Ensaio Sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CASSIER, Ernest. A filosofia das formas simbólicas II : o pensamento mítico. São Paulo: M fontes, 2004.
- CECHIN, A. Elaboración de material catequístico, in: CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, Catequesis y promoción humana, Salamanca, Sigueme, 1969.
- CECHIN, A. Retomada da Catequese, Porto Alegre, Mimeo, 1999.
- CENTRO D. VITAL, Annaes do Centro Dom Vital do Rio de Janeiro, Vol. III, Rio de Janeiro, GraphicaYpiranga, 1931.
- COOPER, Chris. Turismo – princípios e praticas3 ed. Porto Alegre :Bookman, 2007
- CROATTO, Jose Severino. As linguagens da experiência religiosa: Uma introdução a fenomenologia da religião. São Paulo, Paulinas, 2001.
- CURY, A. Ideologia e educação brasileira – católicos e liberais, São Paulo, Cortez, 4ª. edç. 1988.
- DE MASI, Domenico, et all. O ócio criativo. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 328 p.
- DIAS, Reinaldo. Sociologia do turismo. São Paulo: Atlas, 2005. 178 p.
- DICK, H.O caminho se faz, Porto Alegre, IPJ, 1999.
- DUTRA, I. Resgate da memória histórica do Ensino Religioso no contexto sócio-político e seu processo de implantação no currículo das escolas públicas de Mato Grosso, Cuiabá, Mimeo, 1995.

- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano : A essência das religiões. São Paulo, Martins fontes, 1999.
- FÁVERO, O (Org.), A educação nas Constituintes brasileiras (1823-1988), Campinas, Autores Associados, 1996.
- FIGUEIREDO, A. O Ensino Religioso no Brasil: tendências, conquistas e perspectivas, Petrópolis, Vozes, 1995.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas, Rio de Janeiro, Zahhar, 1978.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço Sagrado, Estudos da Geografia da religião. Curitiba, IBPEX, 2012.
- GRUEN, W. O Ensino Religioso na escola, Petrópolis, Vozes, 1995.
- JALUSKA, Taciane, Turismo educacional em espaços sagrados: uma estratégia para conhecer e educar. Dissertação de mestrado. PUCPR : Curitiba, 2013.
- JUNG, Carl. Psicologia e Religião. Petropolis: Vozes, 1999.
- KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2001. 186 p.
- LUSTOSA, O. A Igreja Católica no Brasil República, São Paulo, Paulinas, 1991.
- MESLIN, M. A experiência humana do divino. Fundamentos de uma antropologia religiosa, Petrópolis, Vozes, 1992.
- MOTTA, E. Direito Educacional e educação no século XXI, Brasília, UNESCO, 1997.
- NEMI, N.; MARTINS, J. Uma outra história ? O tempo vivido, São Paulo, FTD, 1996.
- NERY, I. O Ensino Religioso Escolar no Brasil (ERE) no contexto da história e das leis, in: "Revista de Educação AEC" 22(1993)88, 11-12.
- OTTO, Rudolf. O sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PAES, M. A década de 60 – rebeldia, contestação e repressão política, São Paulo, Ática, 3ª. edç. 1995.
- PACHECO, Reinaldo Tadeu (Org.). Turismo educacional: que viagem é essa? Centro Universitário Ibero-Americano, 2002
- PARK, Cris, Sacred Worlds. And Introduction to geography and religion. Routledge: London, UK, 1994.
- PEIXOTO, A. A luta dos católicos pela escola – Minas Gerais, anos 30, in: "Educação em Revista" 17(1993), 58-59.
- RAYKIL, Eladyr Boaventura; RAYKIL, Cristiano. Turismo Pedagógico: uma interface diferencial no processo ensino-aprendizagem. Disponível em: <www.periodicodeturismo.com.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2014
- REQUIXA, Renato, O lazer no Brasil. Brasília : Ed Brasiliense, 1977

SANTOS, Milton, Pensando o espaço do homem, São Paulo, Hucitec, 1993.

SILVA, Alex Sandro; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. REVER – Revista de Estudos da Religião, Vol.9, 2009, p.73-91. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/t_silva.pdf acesso em 04 de 2014

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Coleção das Leis do Brasil, Vol. III, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

RIBEIRO, M. História da educação brasileira – organização escolar, São Paulo, Cortez, 8ª. edç. 1988.

RODRIGUES, M. A década de 50 – populismo e metas desenvolvimentista no Brasil, São Paulo, Ática, 3ª. edç. 1996.

TAVARES, Adriana de Menezes. City Tour. SÃO PAULO: Aleph, 2002.

VASCONCELLOS, C. Construção do conhecimento em sala de aula, São Paulo, Libertad, 3ª. edç. 1995.